

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

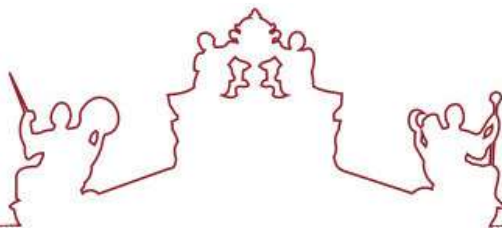
Dissertação

Valorização das Salinas Neves Pires: Os banhos salinos como hipótese de transformação.

Ana Filipa Pais Saraiva

Orientador(es) | Sofia Salema

Évora 2024



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

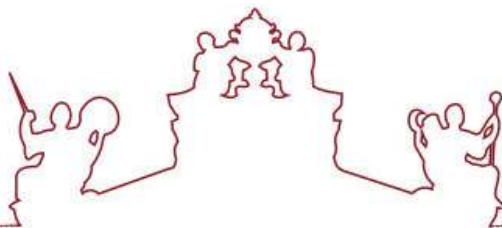
Valorização das Salinas Neves Pires: Os banhos salinos como hipótese de transformação.

Ana Filipa Pais Saraiva

Orientador(es) | Sofia Salema

Évora 2024





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Luís Ferro (Universidade de Évora)

Vogais | Marta Frazão (Universidade de Évora) (Arguente)
Sofia Salema (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Agradeço a todos os que me acompanharam no meu percurso acadêmico.

Um especial agradecimento aos meus pais, que fizeram de tudo para que eu pudesse estudar.

Aos meus amigos e colegas, por todo o apoio e ajuda dada, contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional.

À Professora Sofia Salema, pela orientação e disponibilidade desde o primeiro momento em que aceitou orientar esta dissertação.

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - Objeto	Pág. 10
1.2 - Problemática	Pág. 11
1.3 - Objetivo	Pág. 12
1.4 - Metodologia	Pág. 13
1.5 - Estrutura da dissertação	Pág. 14
1.6 - Estado da Arte	Pág. 15

2 - ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

2.1 - Condições ambientais e forma da costa portuguesa	Pág. 18 a 19
2.2 - Caracterização geomorfológica do Algarve	Pág. 20 a 21
2.3 - Ria Formosa	Pág. 22 a 23
2.4 - Contextualização e caracterização do espaço em estudo	
2.4.1 - Enquadramento geográfico	Pág. 26 a 27
2.4.2 - Evolução urbana	Pág. 28 a 31
2.4.3 - Sistema orográfico	Pág. 32 a 33
2.4.4 - Sistema geológico	Pág. 34 a 35
2.4.5 - Sistema hidrográfico	Pág. 36 a 37
2.4.6 - Edificado urbano	Pág. 38 a 39
2.4.7 - Sistema de circulação	Pág. 40 a 41
2.4.8 - Espaços verdes	Pág. 42 a 43

3 - OS BANHOS SALINOS

3.1 - Introdução	Pág. 46 a 47
3.2 - Evolução Histórica	Pág. 48 a 51
3.3 - Talassoterapia em Portugal	Pág. 52 a 53

4 - PROPOSTA

4.1 - Introdução	Pág. 56 a 57
4.2 - Plano urbanístico	Pág. 58 a 59
4.3 - Antigo Armazém das Salinas	Pág. 60 a 69

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pág. 70 a 71

6 - BIBLIOGRAFIA

Pág. 72 a 73

7 - ÍNDICE DE FIGURAS

Pág. 74 a 75

8 - ANEXOS

Pág. 76 a 89

Valorização das Salinas Neves Pires: Os banhos salinos como hipótese de transformação

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo revisitar a proposta arquitetónica desenvolvida na unidade curricular de Projeto Avançado II, fundamentando as opções de projeto de reabilitação do antigo armazém das salinas, com consciencialização da importância de desenvolver atividades sustentáveis e complementares com a preservação do sistema lagunar e do reconhecimento e valorização das ações terapêuticas da água do mar.

Esta proposta apresenta uma solução para um problema comum em grande parte das cidades. Com o decorrer dos tempos, há edifícios que perderam a sua utilidade e que permanecem abandonados à espera que uma nova ocupação. Faro sempre foi uma cidade ligada ao mar, mas essa ligação não é apenas geográfica, é também humana. Para muitos, o mar foi, e ainda é, direta ou indiretamente, a principal fonte de rendimento. Não obstante, a realidade mudou: hoje, com a mesma situação de estreita proximidade com o oceano, mas agora, com um crescimento constante do turismo, que vêm fascinados pela gastronomia e cultura, mas também pelo que o mar pode oferecer, tanto em termos de lazer, como para fins terapêuticos.

Com base nestes argumentos, e a situação privilegiada em relação aos recursos naturais necessários, bem como a não existência de qualquer equipamento desta natureza em Faro, foi justificável utilizar o antigo armazém, sem uso, com um programa de banhos salinos (Talassoterapia), promovendo novas experiências beneficiando da evolução da vertente turística de saúde e bem-estar, fortalecendo o lugar estruturante das salinas e a sua relação com o território envolvente.

PALAVRAS CHAVE:

Salinas | Turismo | Banhos Salinos | Talassoterapia | Faro

Valuation of Salinas Neves Pires: Saline baths as a hypothesis for transformation

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to revisit the architectural proposal developed in the Advanced Project II curricular unit, supporting the design options for the rehabilitation of the old salt flats warehouse, with awareness of the importance of developing sustainable and complementary activities with the preservation of the system. lagoon and the recognition and appreciation of the therapeutic actions of seawater.

This proposal presents a solution to what is now a common problem in most cities. Over time, there are buildings that have lost their usefulness and remain abandoned waiting for new occupation. Faro has always been a city linked to the sea, but this connection is not just geographic, it is also human. For many, the sea was, and still is, directly or indirectly, the main source of income. However, the reality has changed: today, with the same situation of close proximity to the ocean, but now, with a constant growth in tourism, we are fascinated by gastronomy and culture, but also by what the sea can offer, both in terms of leisure, as well as for therapeutic purposes.

Based on these arguments, and the privileged situation in relation to the necessary natural resources, as well as the non-existence of any equipment of this genesis in Faro, it was justifiable to use the old, unused warehouse, with a saline bath program (thalassotherapy), promoting new experiences benefiting from the evolution of the health and well-being tourism aspect, strengthening the structuring place of the salt flats and their relationship with the surrounding territory.

KEYWORDS:

Salt Flats | Tourism | Saline Baths | Thalassotherapy | Faro

1.0 - INTRODUÇÃO

Objeto
Problemática
Objetivo
Metodologia
Estrutura da dissertação
Estado da arte



1.1 - OBJETO

A presente dissertação tem como objeto de estudo o antigo armazém das salinas Neves Pires (Faro), que se encontra abandonado, tendo por base o projeto de arquitetura desenvolvido na unidade curricular de Projeto Avançado II.

Esta dissertação desenvolveu-se a partir de uma análise e estudo do território e de novos programas de uso, com base no programa proposto na unidade curricular – Banhos Salinos.

Esta análise crítica e estudo fundamenta as opções de projeto do armazém existente nas salinas do Cais Neves Pires, que procura valorizar, preservar e divulgar um lugar de memórias e que promova novas experiências – um espaço de talassoterapia nas salinas do Cais Neves Pires.

1.2 - PROBLEMÁTICA

As salinas Neves Pires são as mais próximas do centro histórico de Faro, encontrando-se numa zona limítima da cidade, tornando-se num elemento de charneira entre a cidade consolidada e o ambiente protegido da Ria Formosa. Esta zona está totalmente ao abandono e bastante degradada, com edifícios sem funções e obsoletos.

Numa análise morfológica da cidade de Faro, destaca-se um corte urbanístico provocado pela linha ferroviária, que interfere na relação Cidade-Ria. A zona onde é mais visível essa barreira é na zona das salinas, onde a linha ferroviária desagrega a cidade do espaço da Ria Formosa.

O turismo de saúde e bem-estar é um dos meios que o Homem recorre cada vez mais com o objetivo de uma vida mais saudável e menos stressante, o que tem vindo a evoluir em conformidade com as transformações da sociedade e do conceito de saúde.

Uma vertente deste turismo é a talassoterapia, um tratamento terapêutico que se baseia na utilização, sob vigilância médica num ambiente marinho, das propriedades da água do mar, das algas e das lamas marinhas. O recurso ao calor e a técnicas de balneoterapia e de massagem favorecem a absorção dos sais minerais presentes nos elementos marinhos pelos poros da pele, num processo natural de remineralização, alcançando assim efeitos benéficos para a saúde.

Com base nestas problemáticas, esta dissertação pretende revisitar o projeto desenvolvido, o qual tinha como base a reabilitação do antigo armazém presente nas salinas Neves Pires, através de uma solução arquitetónica. A qual procura reconhecer o lugar estruturante das salinas e a sua relação com o território envolvente, criando um parque urbano, com um programa de banhos salinos (Talassoterapia), utilizando este edifício abandonado, sem função, promovendo novas experiências beneficiando da evolução da vertente turística de saúde e bem-estar.

1.3 - OBJETIVO

Esta dissertação procura apresentar uma hipótese de solução para um problema comum em grande parte das cidades. Com o passar do tempo, há edifícios que perderam a sua utilidade, e que permanecem abandonados, à espera que uma nova ocupação ou simplesmente, à espera de uma decisão que dite se devem continuar a existir, ou se devem dar lugar a outras soluções projetuais, que se desprendam totalmente do passado.

O objetivo principal é revisitar a proposta arquitetónica desenvolvida na unidade curricular de Projeto Avançado II, fundamentando as opções de projeto com base numa análise e estudo do território e de novos programas. Com consciencialização da importância de desenvolver atividades sustentáveis e complementares com a preservação do sistema lagunar e do reconhecimento e valorização da potencialidade terapêutica da água do mar.

Tendo em consideração o objeto e as problemáticas envolvidas, a dissertação seguirá os seguintes pontos:

- Analisar o enquadramento territorial, começando pelas condições ambientais e costa portuguesa, até à caracterização do caso de estudo - Faro -, para uma melhor compreensão do terreno envolvente ao objeto de estudo e compreender o benefício a obter com esta proposta;
- Investigar a importância das águas salinas como método terapêutico, com o objetivo de explorar novas possibilidades programáticas para o objeto de estudo, aproveitando o enquadramento do objeto de estudo, bem como a vertente turística, em expansão, da saúde e bem-estar;
- Analisar o projeto desenvolvido, demonstrando que esta proposta arquitetónica é uma solução para as problemáticas apresentadas nesta dissertação.

1.4 - METODOLOGIA

A metodologia adotada partiu da recolha e compilação de elementos gráficos e descritivos, análise e interpretação, sobre o território a intervir bem como sobre o programa a aplicar no objeto de estudo.

Nesta fase é fundamental criar uma base de informações gráficas e descritivas sobre a contextualização e caracterização do território de Faro e a Ria Formosa, bem como sobre a importância das águas salinas em procedimentos terapêuticos e a sua influência na vertente turística de saúde e bem-estar.

Na fase seguinte, seguiu-se a análise do projeto arquitetónico desenvolvido, o qual consiste na reabilitação das salinas do Cais Neves Pires, demonstrado por peças desenhadas (Plantas, Alçados, Cortes e fotomontagens) e peças escritas (Descrição da espacialidade e funcionalidade dos espaços).

Finalizando com a reflexão acerca dos resultados obtidos anteriormente, de forma a fundamentar e sustentar a estratégia e o programa da proposta arquitetónica desenvolvida para solução das problemáticas expostas.

1.5 - ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação, no seu total, é composta por 5 capítulos, distribuídos entre enquadramento, programa e proposta de projeto.

Começando por um capítulo introdutório, onde é exposta a base desta investigação, desde o objeto em estudo, as problemáticas em volta desse objeto, o objetivo e a metodologia para expor este trabalho, bem como a sua estruturação e o estado da arte.

O capítulo seguinte: "**2 - Enquadramento Territorial**", procura apresentar o contexto orográfico em que se insere o objeto em estudo, começando por expor as condições ambientais e a Costa Portuguesa, bem como uma análise geomorfológica do Algarve e da Ria Formosa - onde é posto em evidência o potencial de Portugal, especialmente o Algarve, desde os tempos antigos, para a utilização da água do mar e as salinas como uma forma de rendimento. Acabando por focar no concelho de Faro, expondo os diferentes sistemas que compõem o local, desde evolução histórica, à sua orografia, (...) até aos espaços verdes.

O capítulo "**3 - Os Banhos Salinos**", expõe uma análise programática a utilizar no antigo armazém das salinas, o qual aproveita as águas salinas e a vertente turística em expansão do turismo de saúde e bem-estar, analisando a sua evolução e a sua presença em Portugal.

O capítulo seguinte "**4 - Proposta Arquitetónica**" é destinado a apresentar o projeto arquitetónico desenvolvido, sendo representado com base em plantas, alçados, cortes, axonometrias e fotomontagens.

O último capítulo é destinado às considerações finais, onde são expostas as conclusões retiradas deste trabalho e onde é explicado de que forma esta proposta arquitetónica resolve as problemáticas aqui manifestadas.

1.6 - ESTADO DE ARTE

Algumas obras assumem um papel elementar nesta investigação, obras essas que reúnem informação histórica e atual pertinente para responder aos objetivos formulados, na qual a sua leitura se revela indispensável tanto na compreensão do tema da dissertação, como do resultado obtido.

Dividindo por temas abordados, começamos pela análise territorial, desde Portugal em geral ao concelho de Faro. Não se pode analisar Portugal e as suas regiões, sem ter por base os livros de Orlando Ribeiro - "**Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico**" e "**Introduções geográficas à história de Portugal: estudo crítico**" - Nestes livros são abordados temas relacionados com a evolução de Portugal ao longo dos tempos e como isso influenciou o posicionamento dos povos portugueses. Orlando Ribeiro descreve como Portugal é dividido e explica a vivência de cada local, como a agricultura e a pesca eram fundamentais para o sustento das famílias.

Ao nos focarmos em Faro, existem umas obras muito relevantes para o desenvolvimento deste trabalho, sendo eles produzidos pelos discentes da unidade curricular de Projeto Avançado I e II do ano letivo 2016/2017 - os "**Cadernos 1 e 2**". Nestes livros estão reunidas informações, escritas e desenhadas, sobre a evolução e história da cidade de Faro e sobre a Ria Formosa, bem como os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e casos de estudo. Outro livro fundamental para a análise a Faro é "**Ossonoba Santa Maria Ibn Harun Faro Evolução Urbana e Património**", onde é abordado a evolução da cidade de Faro, falando do património deixado ao longo dos tempos, aborda também, a importância de Faro estar situada junto à Ria Formosa e como isso foi fundamental na sua evolução. Outro livro com alguma relevância é o "**Programa estratégico de reabilitação urbana**", junto com o plano diretor municipal (PDM), para uma melhor análise e compreensão do território a estudar.

Um ponto importante para esta investigação é também entender a história dos salgados portugueses - sua evolução e seu declínio -, cuja pesquisa teve como base o livro "**Estudos sobre a história do sal português**", escrito por Virgínia Rau. A autora aborda temas como a evolução dos salgados portugueses; os problemas da história do sal em Portugal; estudo da história económica; rumos e vicissitudes do comércio do sal português nos séculos XIV a XVIII.

Passando ao conteúdo programático, Banhos Salinos e a importância das águas salinas como método terapêutico, temos livros que nos guiam nestes temas, e nos abrem portas a outros como o turismo de saúde e bem-estar. Um desses livros é "**O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística**", escrito por Adília Ramos, onde é abordado o tema termalismo, no geral, abrangendo todos os tópicos que se inserem nesse conceito, desde a água e os tipos de termalismo, incluindo a talassoterapia. Abrange também a evolução e os tipos de banhos não só em Portugal, como em todo o mundo. Outro livro é "**Turismo de saúde e bem-estar no mundo – Ética, Excelência, Segurança e Sustentabilidade**" de Filomena e João Fernandes, nesta obra é abordado todo o tipo de turismo, sendo a parte essencial deste livro a que aborda o tema da talassoterapia: a sua evolução e os tipos de tratamentos que são possíveis de ter por este tratamento terapêutico, entre outros tópicos, tendo exemplos de centros de talassoterapia para investigar.

Finalizando com alguns dos livros importantes para a análise do projeto arquitetónico, para além de toda a bagagem ganha ao longo dos anos a estudar arquitetura, existem também livros que nos suporta, sendo um deles "**A Ideia Construída**" de Alberto Campo Baeza, onde aborda um dos temas mais importantes quando se trata de elaborar um projeto arquitetónico, a ideia e como ela é idealizada e pensada, não só a nível da forma, mas numa boa relação entre o espaço, a luz e a pessoa que a habita. Ou outro livro importante é "**Acupuntura Urbana**" de Jaime Lerner, neste livro aborda as diferentes escalas a que é possível transformar a cidade, desde o planeamento urbano às pequenas intervenções, referindo várias transformações realizadas em diferentes contextos sociais, económicos e geográficos. A recuperação de paisagens naturais, a preservação de identidade cultural e da memória coletiva, assim como transformações gentis num nível social e pessoal, e a redução do uso automóvel são algumas das ações que Lerner refere como impulsoras de revitalizações urbanas.

Salienta-se a importância destas obras, sendo que no desenvolvimento da investigação, surgiram outras obras pertinentes para a continuação do trabalho, que são referências ao longo do documento.

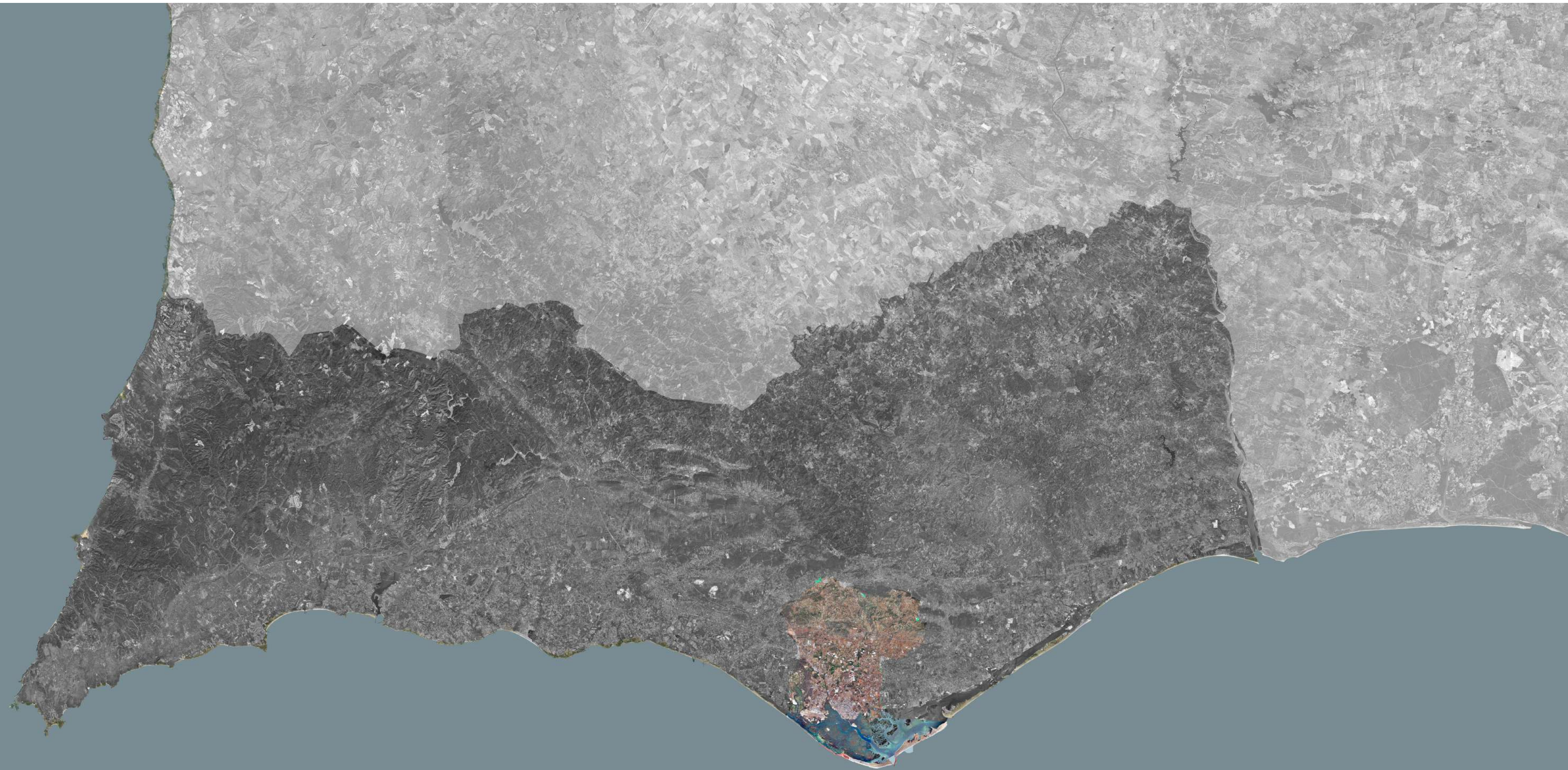


Fig. 02 - Ortofotomapa de enquadramento da região em estudo, sem escala (Elaborado pela Autora)

2.0 ENQUADRAMENTO TERRITORIAL (FARO, ALGARVE)

2.1 - Condições ambientais e forma da costa portuguesa

Portugal apresenta características geográficas que sempre permitiram o desenvolvimento da salicultura – o clima, a extensão da costa, os ventos dominantes – aliadas a uma intensa e constante ação humana na sua relação com o espaço, fizeram com que o sal português fosse um produto bastante solicitado.¹

Em Portugal Continental as salinas de produção artesanal encontram-se localizadas em cinco áreas geográficas: Aveiro, Figueira da Foz, Alcochete (Tejo), Setúbal e Alcácer do Sal (Sado), e Algarve. Cada Salgado (conjunto de salinas) possui características diferenciadoras relativamente à estrutura, forma de exploração, usos e costumes, nomenclatura e qualidade do sal produzido. Para além destes locais é ainda produzido sal marinho com meios mecânicos, no Algarve (Castro Marim e Tavira). Em Portugal é também produzido sal-gema, sendo os únicos locais de extração existentes no país as minas de Loulé e Rio Maior.²

Os geógrafos têm-se debruçado a mostrar o forte reflexo do Atlântico, não só nas paisagens portuguesas, como também na economia.³ "Aberto largamente ao mar e este levando até muito longe a sua influência, o território português, nas suas feições fundamentais, revela uma simbiose permanente com o oceano contíguo."⁴

Uma costa longa e quase retilínea, pobre de reentrâncias, um traço que se pode seguir, quase sem interrupção, do Minho até ao Guadiana. Desde cedo que o homem se apercebeu da existência de uma planura litoral, ora baixa e arenosa, ora talhada sobre uma linha de arribas, que em poucos lugares ultrapassa os 100 m de altitude.⁵

Em apenas alguns lugares o litoral se ramifica e o mar entra pela terra a dentro, sendo as mais importantes: a ria de Aveiro, os estuários do Tejo e do Sado, e a ria de Formosa. A primeira é uma laguna fechada por uma restinga e enchida pelos aluviões do delta interior do Vouga. E onde se insinua terras rasas, banhadas em humidade, retalhadas de campos de milho e prados verdejantes. O estuário do Tejo é estrangulado pelas colinas de Lisboa por onde a maré sobe ao longo dos esteiros, oferecendo à população os recursos múltiplos da pesca, da navegação e da extração do sal. O estuário do Sado, com as suas margens alagadas foi ocupado por grandes salinas e também extensos arrozais. No Algarve, a par de algumas grandes aglomerações de pescadores, destacam-se as hortas, os favais, as policulturas e também as salinas.⁶

O oceano domina, portanto, as relações gerais de Portugal, influenciando as suas terras com os ventos de oeste e chuvas abundantes, que marcaram todo o território com um cortejo de plantas e culturas que requerem humidade. O famoso geógrafo Lautensach apontou a característica atlântica como a que mais vigorosamente determina a personalidade geográfica de Portugal.⁷

1 - Serrão, Joel (2006) Dicionário de história de Portugal: Figueirinhas, p.416

2 - Dinis, C., & Santos, J. (2018). Sal de Aveiro - Estudo de Mercado e Oportunidades de Negócio. Aveiro: Associação Comercial de Aveiro, p.12.

3 - Ribeiro, Orlando (1998). Portugal: O Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, p.123.

4 - Telles, S. (1929). Portugal. Aspectos Geográficos e Climáticos. Lisboa: Imprensa Nacional, pp.55-56.

5 - Ribeiro, Orlando (1998). Portugal: O Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, p.124 – 125.

6 - Ribeiro, Orlando (1998). Portugal: O Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, p.125.

7 - Lautensach, H. (1931) A individualidade geográfica de Portugal no conjunto da Península Ibérica. Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

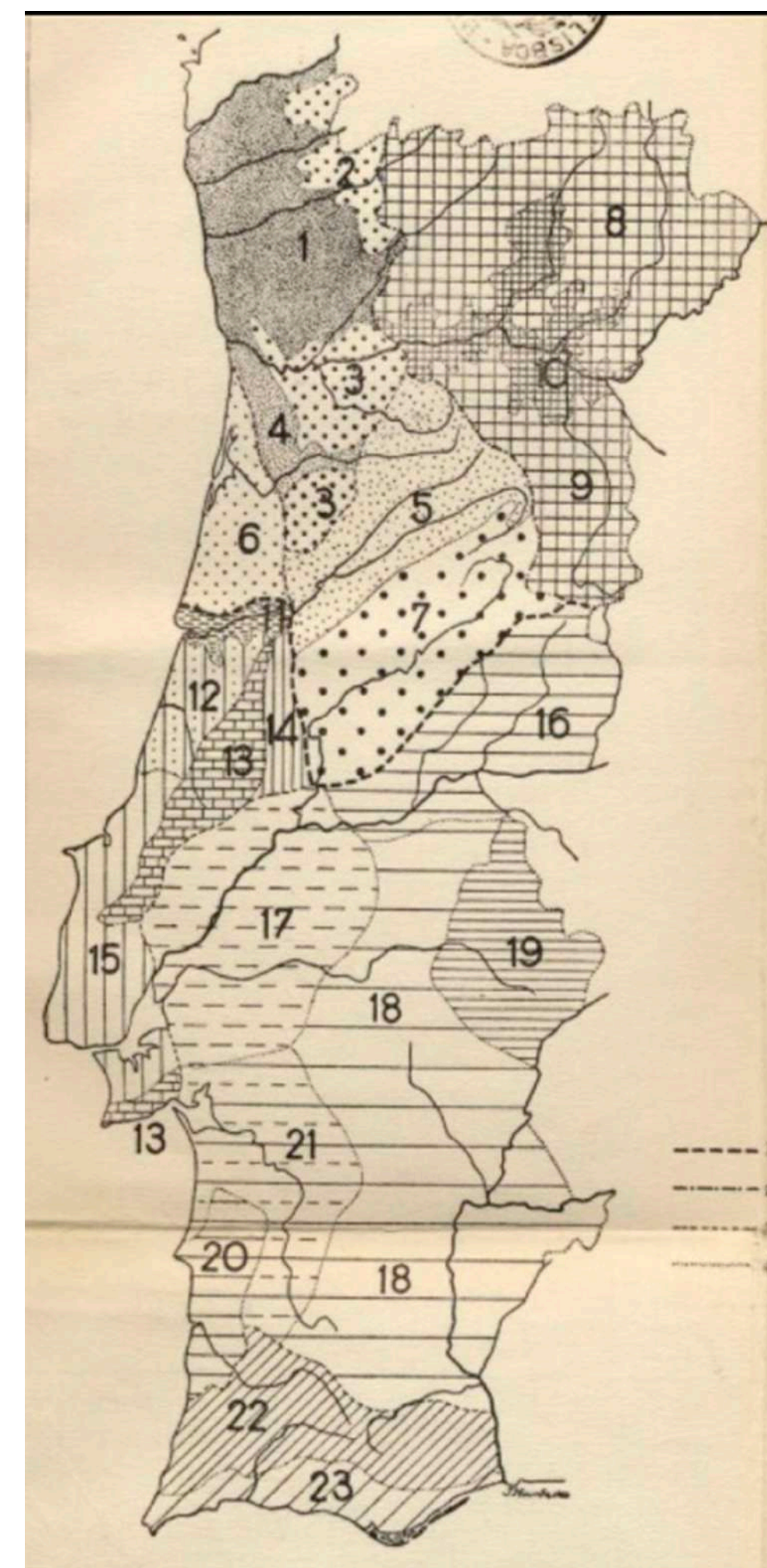


Fig. 03 - Mapa divisões geográficas, "Portugal: O mediterrâneo e o Atlântico" (Orlando Ribeiro)

2.2 - Caracterização geomorfológica do Algarve

Não podemos abordar a área de Faro sem considerarmos a região do algarve, bem como a Ria Formosa, uma zona fulcral para a cidade de Faro.

A região do Algarve, de aproximadamente cinco mil quilómetros quadrados, é conhecida particularmente pelos seus quase duzentos quilómetros de costa. Situada a sul de Portugal, numa zona geograficamente influenciada pela proximidade do Oceano, encontramos um território natural virado para o Mediterrâneo, marcado por uma linha costeira a sul e uma ténue linha costeira ocidental, abrigada também a norte por montanhas que marcam o relevo e definem a fronteira com o Alentejo, criando um anfiteatro voltado a sul.⁸

O clima e as condições económicas geradas pela proximidade ao mar e a rios navegáveis, tal como as facilidades de comunicação posteriormente desenvolvidas, foram condições determinantes para a fixação inicial da população. A maioria dos assentamentos de maior densidade populacional localizam-se na margem ou na foz de um rio importante.⁹

No livro "Arquitetura Popular em Portugal", Volume III, refere que "No Algarve (1938), Dr. Medeiros Gouveia diz: «O Algarve é uma região completa, constituída por 3 sub-regiões tão características que, se não fora uma pulverização excessiva do território, se poderiam considerar como pequenas regiões autónomas: o Alto Algarve, o Algarve Calcário e o Baixo Algarve.»¹⁰

O litoral algarvio pode ainda ser dividido de acordo com a terminologia própria da 'gente do mar', onde o Barlavento – o local de onde sopra o vento-, diz respeito ao lado ocidental da região, e o Sotavento – o local para onde sopra o vento, refere-se ao território a partir de Faro, para Este.

O litoral, desde muito cedo foi o local elegido para grande parte dos aglomerados urbanos, devido ao seu privilegiado enquadramento. Atualmente, é junto ao mar que se encontram os maiores aglomerados urbanos, assim como a maioria da atividade económica da região. O terreno é bastante fértil, fazendo com que as atividades deste local se virem para a agricultura, turismo e para a pesca.¹¹

"Há dois Algarves: O povo só conhece por este nome a orla do maciço antigo; o resto é a serra, um mar de cerros de cisto que sobe a mais de 500m."¹²

A cidade de Faro, enquanto distrito do Algarve, assume um papel de destaque. Esta representa um dos dois pontos mais a sul do litoral algarvio, e conseqüentemente, do território português. Esta posição destacada da linha costeira é um dos fatores que proporcionou o seu desenvolvimento enquanto capital desta região, desde o período romano.

Ao estar delimitado pela Ria Formosa, este local caracteriza-se, na sua zona ribeirinha, por uma planície arenosa. Porém, o centro histórico está implantado no planalto adjacente, dadas as condições favoráveis que oferece em termos de defesa militar. Foi a orografia do sítio que proporcionou a construção da primeira muralha e a sua expansão em forma radial, tão característica deste aglomerado urbano.

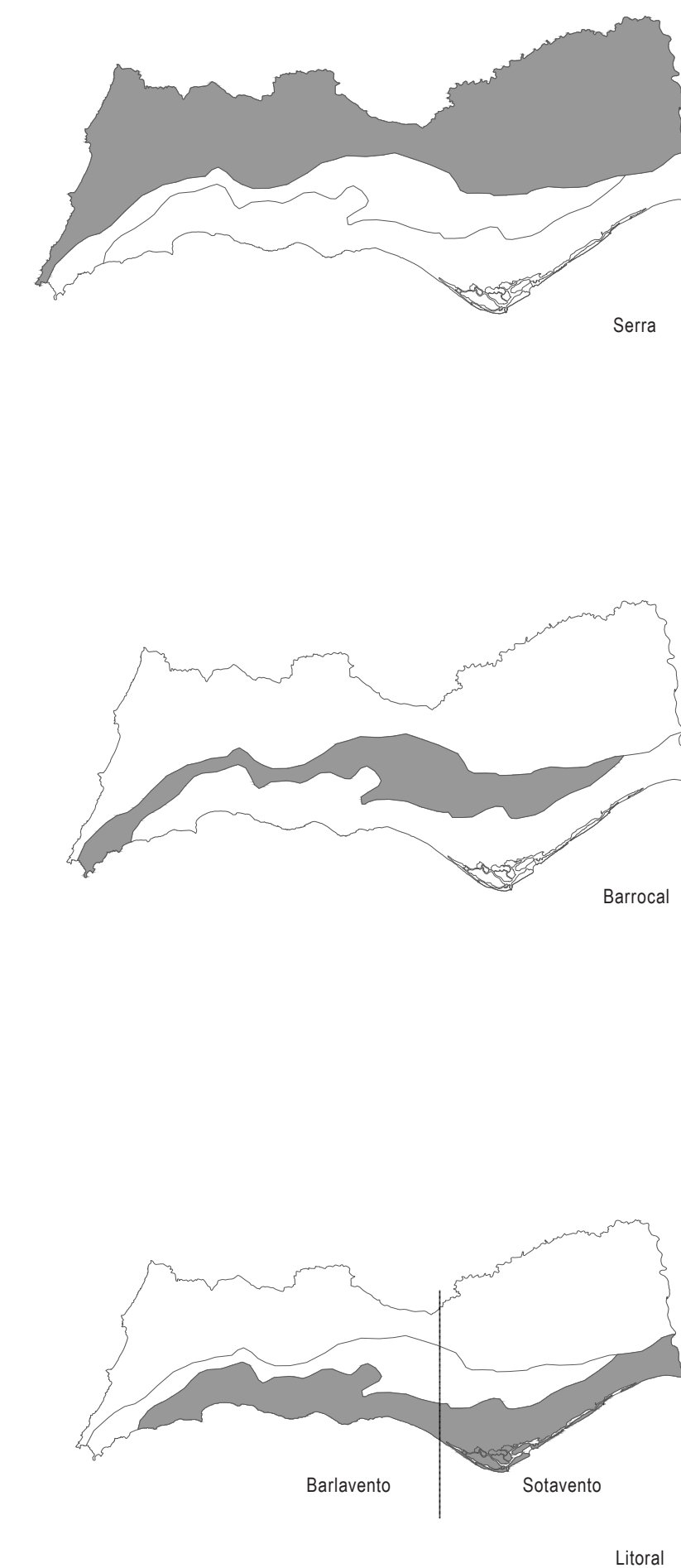


Fig.04 - Esquema explicativo da divisão das sub-regiões do Algarve (Elaborado pela Autora)

8 - ADRAGÃO, José Victor – Á descoberta de Portugal, pág. 461 – 462;

9 - RODRIGUES, M. – A forma urbana em Portugal Continental: Aplicação de índices quantitativos na caracterização morfológica das cidades, pág.31;

10 - ORDEM DOS ARQUITETOS – Arquitetura Popular em Portugal: volume III, pág. 123 – 129;

11 - ORDEM DOS ARQUITETOS – Arquitetura Popular em Portugal: volume III, pág. 123 – 129;

12 - RIBEIRO, Orlando – Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, p.161;

2.3 - Ria Formosa

A cidade de Faro e a Ria Formosa sempre foram indissociáveis. O sistema lagunar que caracteriza a Ria apresenta um importante valor ecológico e científico, assim como económico e social no sotavento algarvio. Em 1987 foi criado o Parque Natural da Ria Formosa que tem como objetivos: a proteção e a conservação do sistema lagunar; a conciliação da proteção do património natural e cultural com o desenvolvimento socioeconómico sustentado e a promoção de infraestruturas vocacionadas para a educação ambiental, de forma a sensibilizar a população residente e os visitantes para a necessidade de preservar os valores naturais e culturais.¹³

A Ria Formosa abrange uma extensão de aproximadamente 60 km, desde a zona de Ancão até à zona da Manta Rota. O seu ecossistema é formado por ilhas barreira que a delimita a sul perante o Oceano atlântico, sendo constituído por: duas penínsulas (Ancão e Cacela), que constituem, respetivamente, os limites ocidental e oriental do sistema; por cinco ilhas (de Oeste para Este: Barreta, Culatra, Armona, Tavira e Cabanas); e por um vasto corpo lagunar onde abundam, entre outros, sapais, canais de maré, salinas e rasos de maré.¹⁴

A Ria Formosa corresponde a uma lagoa mesomareal costeira pouco profunda, com uma profundidade média de 2 m, amplitude de maré de 2 m, tempo de residência de 0,5 dias em maré viva e 2 dias em maré morta¹⁵. A lagoa tem uma extensa zona entremarés coberta por areia, material argiloso (lodo) e por salinas. A entrada de água doce na lagoa é negligenciável, e a salinidade mantém-se aproximadamente nos 36 ppm, exceto durante eventos esporádicos de forte pluviosidade no inverno¹⁶.

A agricultura é, atualmente, uma atividade em regressão nesta zona e nos concelhos da Ria Formosa os frutos secos, os citrinos e o olival são as culturas dominantes. A pesca, atividade económica ainda com bastante importância no contexto regional, é apenas em parte dependente do sistema lagunar. Ao longo dos últimos trinta anos tem-se observado um aumento nas atividades relacionadas direta ou indiretamente com o turismo, de onde se destacam as da hotelaria e restauração, bem como as da construção civil.

A localização geográfica da Ria Formosa e o clima da zona permitiram o desenvolvimento de recursos naturais: a exploração do sal marinho.

A salicultura, cuja história se perde num passado distante, apesar de um decréscimo de atividade, ainda contribui para a produção nacional. Para além da relevância a nível económico, as salinas da Ria Formosa desempenham um papel fundamental como área de descanso e/ou alimentação para um grande número de limícolas, pelo que se considera de extrema necessidade a conservação deste habitat numa área de passagem e ponto de apoio de inúmeras populações de aves nas suas trajetórias migratórias entre a Europa e a África. À diminuição da área salineira tem correspondido um aumento constante do número de pisciculturas instaladas nos tejos das salinas.¹⁷

No Algarve, existem três áreas de produção de sal e flor de sal de modo artesanal sendo elas: em Olhão, Tavira e na Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António.

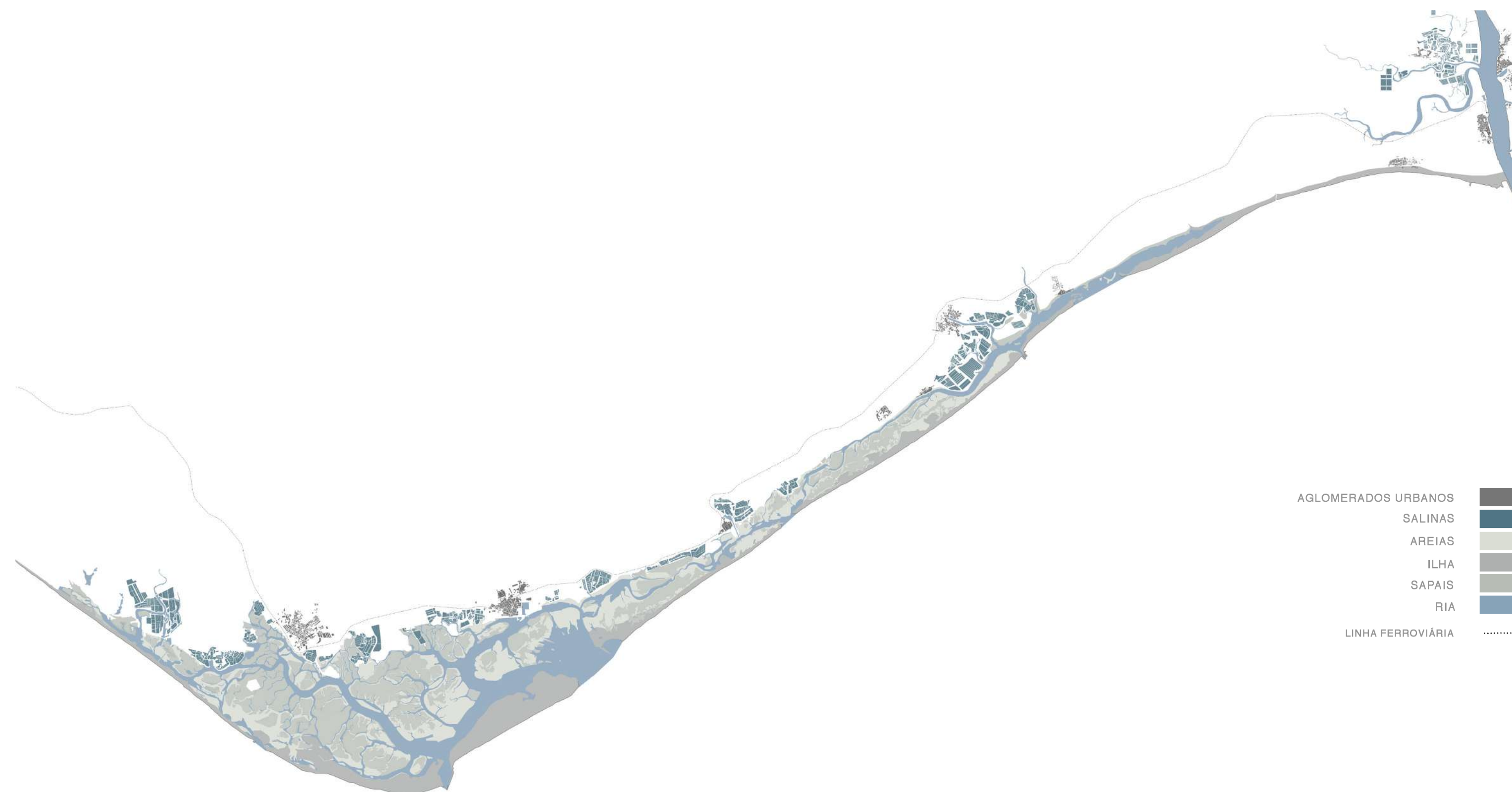


Fig. 05 - Delimitação da Ria Formosa (Elaborado pelos alunos, com supervisão dos docentes, no âmbito da cadeira de Projeto Avançado II, 2016/2017)

13 - CMF - <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/510/ria-formosa.aspx>

14 - ICN/Parque Natural da Ria Formosa (2004) - Plano de Ordenamento do Parque Natural da Ria Formosa, Fase 1: Caracterização

15 - A. M. Bettencourt, S. B. Bricker, J. G. Ferreira, A. Franco, J. C. Marques, J. J. Melo, A. Nobre, L. Ramos, C. S. Reis, F. Salas, M. C. Silva, T. Simas, e W. J. Wolff, "Typology and reference conditions for portuguese transitional and coastal waters", UN Publications, Genebra, Suíça, 2004.

16 - J. G. Ferreira, T. Simas, A. Nobre, M. C. Silva, K. Shifferegger, e J. Lencart-Silva, "Identification of sensitive areas and vulnerable zones in transitional and coastal portuguese systems", UN Publications, Genebra, Suíça, 2003.

17 - Polis Litoral - Requalificação e Valorização da Orla Costeira - http://www.polislitoralriiformosa.pt/downloads/componente_economica.pdf



Fig. 06 - Ria Formosa (Sul Informação)



Fig. 07 - Ria Formosa (Desconhecido)



Fig. 08 - Salinas da Ria Formosa (Desconhecido)

2.4 Contextualização e caracterização do espaço em estudo

- 2.4.1 - Enquadramento geográfico
- 2.4.2 - Evolução urbana
- 2.4.3 - Sistema orográfico
- 2.4.4 - Sistema geológico
- 2.4.5 - Sistema hidrográfico
- 2.4.6 - Edificado urbano
- 2.4.7 - Sistema de circulação
- 2.4.8 - Espaços verdes

2.4.1 - Enquadramento geográfico

Faro, capital do Algarve, localiza-se na região mais a sul de Portugal Continental com cerca de, aproximadamente, 65 000 habitantes (Censos 2011). O município está delimitado pelo município de Olhão (a este), o município de São Brás de Alportel (a norte) e o município de Loulé (a oeste). É constituído por seis freguesias com características urbanas e rurais, entre as quais, Conceição, Estoi, Montenegro, Santa Bárbara de Nexe, São Pedro e Sé.¹⁸

A origem de Faro prende-se com a cidade de Ossonoba, capital do Algarve no período romano. Neste centro urbano, o porto de comércio estaria localizado no local correspondente ao núcleo histórico de Faro, denominado Promontorium Cuneum. Sendo a parte histórica importante para perceber a cidade de Faro, irá se aprofundar este tema mais à frente.

A mouraria e a zona ribeirinha, como segundo núcleo de carácter historicista da cidade, são compostas pelo conjunto de edifícios que datam do mesmo período muçulmano. Destacam-se pelas casas de fachadas caiadas, enobrecidas por cantarias e cunhais defensivos, janelas de sacadas e telhados em "tesouro". Esta área pertence já à zona exterior edificada junto à muralha primitiva, no sentido norte. O bairro ribeirinho originalmente serviu como bairro de pescadores e marinheiros, no entanto, atualmente é o centro noturno da cidade.¹⁹

A posição geográfica junto à Ria Formosa favorece o desenvolvimento próspero da cidade, atingindo o auge nos Descobrimentos Portugueses devido ao porto de comércio e exportação de sal, peixe e produtos agrícolas do interior do Algarve. Este crescimento leva a que, em 1499, D. Manuel implementasse profundas alterações urbanísticas – a construção de um hospital, da Igreja do Espírito Santo e da alfândega. Um século depois, Faro é elevada a cidade, centro administrativo e sede do bispado do Algarve.

O concelho é composto por duas zonas distintas, o litoral e o barrocal. A zona do litoral é onde está inserido o Parque Natural da Ria Formosa e, a zona do barrocal é caracterizada por encostas e vales, onde existem espécies que caracterizam a vegetação da região do Algarve.

A Ria Formosa possibilita uma relação privilegiada com a cidade delimitando-a a sul. Trata-se de uma área protegida pelo estatuto de Parque Natural, que consiste num ecossistema aquático, caracterizado por um sistema de ilhas-barreira, sapais e canais.



Fig. 09 - Enquadramento de Faro (Elaborado pelos alunos, com supervisão dos docentes, no âmbito da cadeira de Projeto Avançado II, 2016/2017)

18 - Município de Faro (2017) Revisão do PDM de Faro, Caracterização e diagnóstico socioterritorial vol.I – Regional Local. Faro: CMF.

19 - PARQUEXPO (2009) Estudo de Enquadramento Estratégico: Frente Ribeirinha de Faro - Relatório Final. Faro.

2.4.2 - Evolução urbana

Para o desenvolvimento deste projeto não se pode deixar de considerar importante analisar a contextualização histórica do núcleo urbano, desde a sua génese, primeiros assentamentos até um passado mais recente.

Um elemento relevante na evolução da estrutura urbana da cidade de Faro é a forma dos terrenos onde esta se encontra inserida. “Faro, nos tempos primórdios, caracterizava-se por ser uma pequena ilha separada da costa (Vila Adentro) por uma ribeira que aí se bifurcava, por uma zona mais baixa e alagadiça (atual zona da baixa) e por uma segunda zona, mais alta, a norte destas duas”.²⁰ Ainda se consegue identificar esta morfologia na estrutura urbana atual.

As origens da cidade de Faro data ao século VIII a.C., período da colonização fenícia do Mediterrâneo Ocidental, onde começou como um entreposto comercial, baseado na troca e comércio de produtos agrícolas, peixe e minérios. Faro foi terra de diversificadas civilizações até consolidar o núcleo urbano fortificado a que hoje designamos por Vila Adentro, onde ainda são visíveis algumas destas presenças. “A cidade de Faro esteve sempre ligada à ria, (...) pelas suas águas chegaram sucessivos povos: tartessos, fenícios, gregos, celtas, cartagineses, romanos, visigodos, bizantinos, árabes, normandos, (...)”.²¹ O topónimo Ossónoba veio dos fenícios, que derivou da expressão “Osson ébá”, que significa “armazém no sapal”.

Durante o domínio romano, Ossónoba torna-se numa cidade importante, sendo a capital do reino do Algarve, definida pelo traçado de dois eixos viários principais orientados a N-S e E-O, e segundo Vasco Mantas, existiam dois núcleos urbanos principais. Durante este período foi um ativo porto de mar e vivia do comércio que por este passava, assim como os produtos mineiros, oriundos do interior.²² O porto de comércio localizava-se no local correspondente ao núcleo histórico de Faro, denominado Promontorium Cuneum.

Durante o domínio árabe, a cidade denomina-se harune, toponímia que vai originar o nome Faro. Segundo Francisco Lameira, o domínio árabe, a partir de 711, dura um pouco mais de cinco séculos até à reconquista cristã em 1249 por D. Afonso III. A cidade islâmica de estrutura urbana densificada é composta por dois polos principais situados numa área, delimitada por muralhas (a atual Vila Adentro).²³ Esta cerca, constituída inicialmente por taipa e pedra, sofreu reestruturações de caráter militar ao longo do tempo. No século XII foram construídas duas torres que defendiam a entrada do Arco do Repouso, que mais tarde é refeito pelo arquiteto Francisco Fabri.

Com o domínio cristão “a zona intramuros, conhecida por Vila Adentro, manteve a sua importância urbanística, registando-se, contudo, o aparecimento de dois novos bairros extramuros, a Mouraria e a Ribeira.”²⁴ Destacam-se pelas casas de fachadas caiadas, notabilizadas por cantarias e cunhais defensivos, janelas de sacadas e telhados em “tesouro”. O bairro ribeirinho originalmente serviu como bairro de pescadores e marinheiros, atualmente corresponde a Baixa de Faro cuja evolução e o denso desenho urbano reflete a presença destas diferentes culturas.

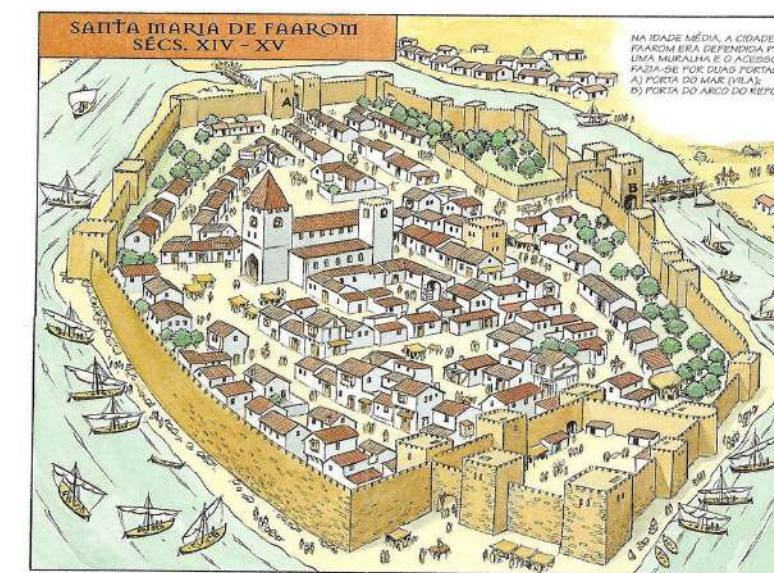


Fig. 10 - Faro, Séc. XIV - XV (Fotos de Faro antigo)

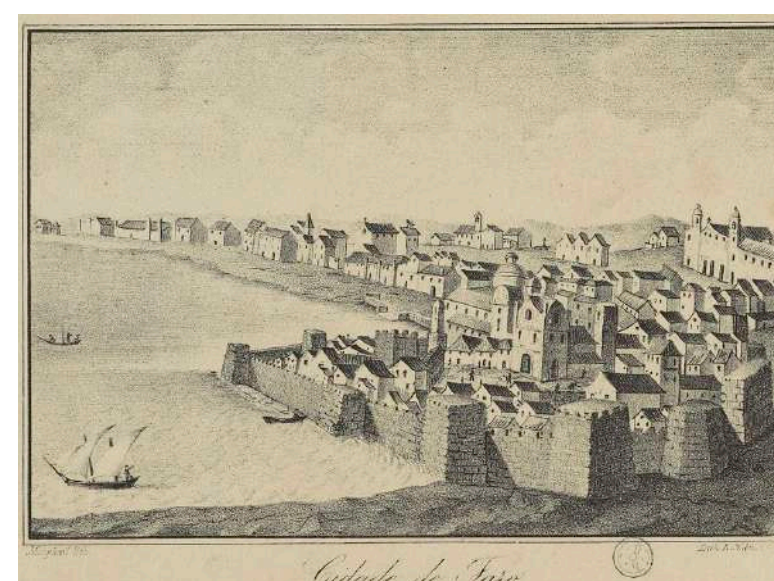


Fig. 11 - Faro, ano 1500 (Faro-com-historia.blogspot)



Fig. 12 - Vista aérea de Faro, 1950 (Desconhecido)



Fig. 13 - Vista da Praça de Faro, Séc. XIX (Desconhecido)

20 - PARQUEXPO (2009) Estudo de Enquadramento Estratégico: Frente Ribeirinha de Faro - Relatório Final. Faro, p.28.

21 - LAMEIRA, Francisco (1999) Faro, a Arte na História da Cidade. Faro: Câmara Municipal de Faro.

22 - LAMEIRA, Francisco (1999) Faro, a Arte na História da Cidade. Faro: Câmara Municipal de Faro.

23 - LAMEIRA, Francisco (1999) Faro, a Arte na História da Cidade. Faro: Câmara Municipal de Faro.

24 - LAMEIRA, Francisco (1999) Faro, a Arte na História da Cidade. Faro: Câmara Municipal de Faro.

A reconquista cristã de Faro, em 1249, remata o que atualmente forma o território português. A posição geográfica junto à Ria Formosa favorece o desenvolvimento próspero da cidade. Segundo Valdemar Coutinho, no século XVI, Faro era um centro urbano de relevo, tendo cada vez mais importância no campo administrativo e comercial²⁵, em função do porto de comércio e exportação de sal, peixe e produtos agrícolas do interior do Algarve. Este crescimento leva a um período de grandes expansões urbanas e de edificação de importantes construções religiosas – a construção de um hospital, da igreja do Espírito Santo e da alfândega.

Em 1540, Faro foi elevada a cidade e em 1577 tornou-se o centro administrativo e sede do bispado do Algarve. Em 1596 o saque e o incêndio provocado pelas tropas inglesas danificaram muralhas e igrejas, provocando grandes danos patrimoniais e materiais na cidade.²⁶

Na sequência de restauração, “no século XVII, houve necessidade de reforçar a defesa da cidade, construindo uma segunda muralha...”²⁷, que protegesse a cidade de uma eventual invasão espanhola, a cerca seiscentista em 1660, que definiu os novos limites da cidade, delineando um semicírculo na frente ribeirinha, até à primeira metade do século XIX. Contudo, em 1755, com o terramoto, Faro foi alvo de grande destruição, o património eclesiástico, as muralhas e outros edifícios foram destruídos.

A segunda metade do século XIX marcou um período de viragem na evolução de Faro, perante a necessidade de adaptação da cidade aos novos meios de transporte, automóvel e caminho de ferro, e ao desenvolvimento das indústrias. Só no fim do século XIX é que a cidade se expande além da cerca seiscentista, foram construídas residências luxuosas pelos novos burgueses que prosperaram com a economia das indústrias fabris, ocupando espaços onde anteriormente seriam quintas e terrenos de exploração agrícola.

A construção do aeroporto internacional de Faro, em 1965, teve um grande impacto em toda a região do Algarve, intensificando a oferta turística. Faro, como capital, segura a maior parte dos serviços administrativos, tornando-se num ponto atrativo para atividades comerciais e turísticas.

25 - COUTINHO, Valdemar – As Fortalezas da Costa Algarvia Durante o Período das Economias-mundo Centradas em Amsterdão e em Londres. O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história). Lisboa: Edições Colibri, 1999.

26 - LAMEIRA, Francisco (1999) Faro, a Arte na História da Cidade. Faro: Câmara Municipal de Faro.

27 - COUTINHO, Valdemar(1999) – As Fortalezas da Costa Algarvia Durante o Período das Economias-mundo Centradas em Amsterdão e em Londres. O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história). Lisboa: Edições Colibri, p.266.



Finais do Século XIX



Início do Século XX



Meados do Século XX



Finais do Século XX

Fig. 14 - Evolução Urbana de Faro (Elaborado pela Autora, com base na informação do livro: Faro - Evolução Urbana e Património (Ossónoba, Santa Maria Ibn Harun))

2.4.3 - Sistema orográfico

A cidade de Faro é um dos dois pontos mais a sul de Portugal. Este posicionamento destacado da linha costeira é um dos fatores que proporcionou o progresso de Faro como capital do Algarve, desde o período romano.

Ao estar delimitado pela Ria Formosa, Faro caracteriza-se, na sua zona ribeirinha, por uma planície arenosa. Contudo, o centro histórico está inserido no planalto adjacente, dadas as condições favoráveis que oferece em termos de defesa militar. Foi a orografia deste lugar que proporcionou a construção da primeira muralha e a sua expansão em forma radial, tão particular deste aglomerado urbano.

O relevo é uma estrutura essencial que constitui a configuração base do território e da paisagem²⁸. Para além de afetar elementos como o coberto vegetal, permite ainda determinar certas aptidões para o território. A altitude é um fator orográfico relevante, uma vez que a sua mudança provoca transformações em componentes climáticos e, naturalmente, no coberto vegetal.

Segundo o PDM DE Faro, no concelho predominam as baixas altitudes já que cerca de 71% da área do concelho encontra-se numa altitude inferior a 100m. A altitude oscila entre a cota 0m, na zona sul (litoral), e a cota 403m, na zona norte e mais interior (barrocal)²⁹, onde também se regista os maiores declives.

No barrocal o relevo é bastante acentuado, registando-se valores entre os 80m e os 403m, a altitude máxima situa-se próximo do Cerro de S. Miguel, na Serra de Monte Figo. As maiores altitudes encontram-se materializadas nos cerros de Nexe, Morgado, Guilhim, Malhão e na Cumeada da serra de Monte Figo. Na zona de planície predomina altitudes inferiores a 60m, excetuando a zona de Caliços que tem um morro mais elevado, bem como a zona de Faro e Montenegro.

Do ponto de vista da geomorfologia o concelho divide-se em duas unidades: Barrocal e Baixas aluvionares (Campina e Sapal).³⁰

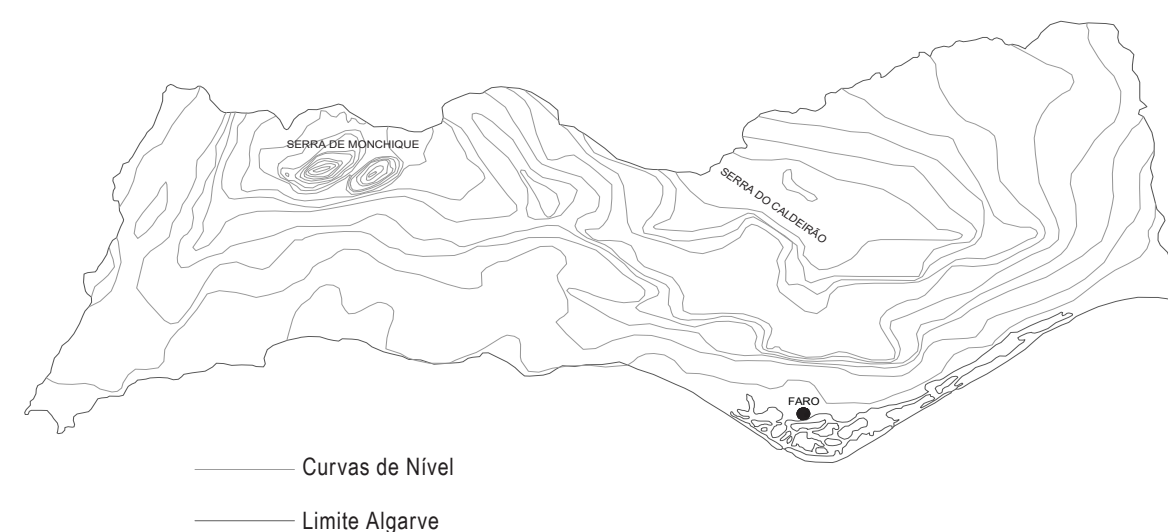


Fig. 15 - Orografia do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol.II)

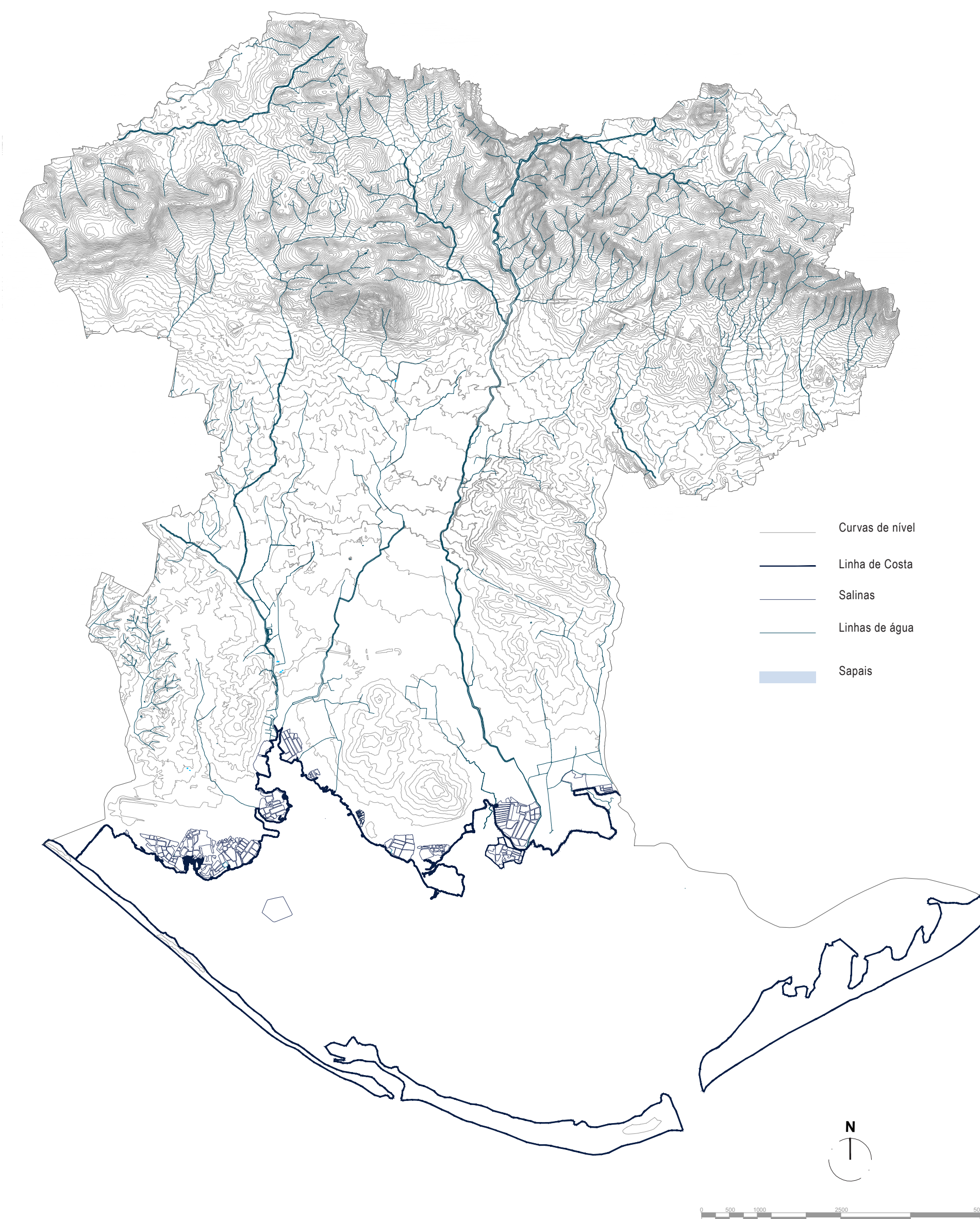


Fig. 16 - Orografia de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

28 - FADIGAS, Leonel (2007) Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem. Lisboa: Edições Sílabo.

29 - Município de Faro (2017) Revisão do PDM de Faro, Caracterização e diagnóstico socioterritorial vol.II - ambiente. Faro: CMF.

30 - RISCO (1990) PDM de Faro, Relatórios de Estudos Prévios: 1 - 12. Faro: CMF.

2.4.4 - Sistema geológico

Segundo o PDM de Faro, são distinguidas quatro unidades morfológicas por possuírem características geológicas, litológicas, pedológicas e paisagísticas comuns: Barrocal; Planície; Zona Lagunar e Sistema de Ilhas.³¹

"A área (...) de Faro é constituída, do ponto de vista geológico, por duas regiões distintas, uma, mais a Norte, predominantemente carbonatada e de idade mesozóica e outra, mais a Sul, dominada por séries arenosas consolidadas ou não, às vezes carbonatadas, de idade cenozóica. Aproximadamente pelo paralelo de Estoi e para Norte deste, situa-se a zona em que a série se encontra mais fortemente dobrada, mesmo se em dobras de grande raio. Pelo contrário, para Sul do mesmo paralelo, predomina estrutura monoclinal que se estende até ao mar. Para Norte do paralelo de Estoi situam-se as maiores altitudes, Cabeço da Câmara, Goldra, Guilhim, Malhão, Monte Figo e Cabeça, alinhados em direção E-W; para Sul do dito paralelo, a superfície topográfica lentamente vai-se esbatendo e progressivamente horizontalizando."³²

De acordo com a carta geológica, as formações mais antigas encontram-se no barrocal, com a presença de calcários do Jurássico. Imediatamente a sul desta zona predominam as formações calcárias do Jurássico e do Cretáceo com calcários e argilas, sendo os grés e os conglomerados representativos.

No litoral, peculiarmente na zona da Campina e do sistema urbano de Faro-Montenegro, as formações correspondem ao Plistocénico e Holocénico, com a existência das aluviões, sendo que Faro e Montenegro estão sobre formação de Ludo-areias e cascalheiras.

Na zona lagunar, correspondente ao Plistocénico e Holocénico predominam os aluviões e sapais indiferenciados. Nas ilhas o material originário é do Plistocénico e Holocénico com a areia de dunas a ser a mais representativa, e com algumas manchas exemplares de areias de praia.

Do ponto de vista pedológico o concelho de Faro divide-se em duas grandes zonas: Barrocal e Litoral. No Barrocal e imediatamente a sul predominam os solos calcários pardos e vermelhos bem como os solos mediterrâneos. Existem ainda algumas manchas representativas de solos incipientes - litossolos dos climas do regime seco e manchas de afloramentos rochosos. Na zona central existem algumas manchas de solos incipientes - regossolos e destaca-se o facto de os solos da Campina de Faro bem como do vale da ribeira do Biogal serem altamente produtivos, estando sobre uma mancha de solos incipientes - Aluissolos antigos. A sudoeste e na envolvente da cidade de Faro predominam os solos litólicos e a este os solos calcários vermelhos são os mais representativos. Na zona lagunar predominam os solos halomórficos - solos salinos.³³

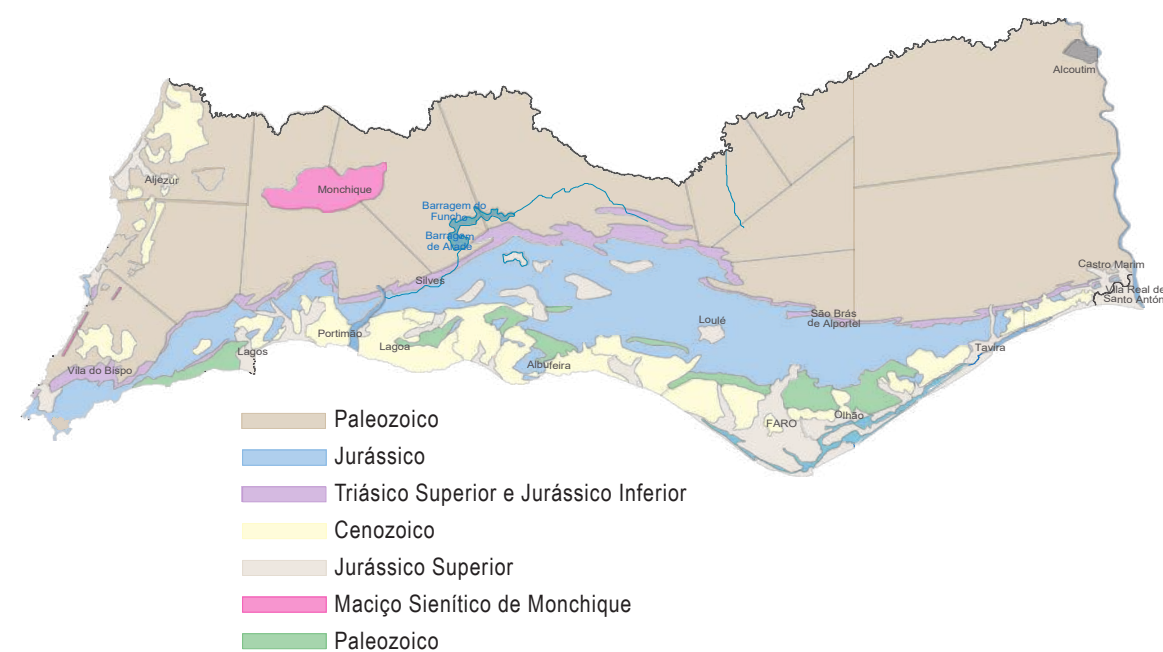


Fig. 17 - Geologia do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol.II)

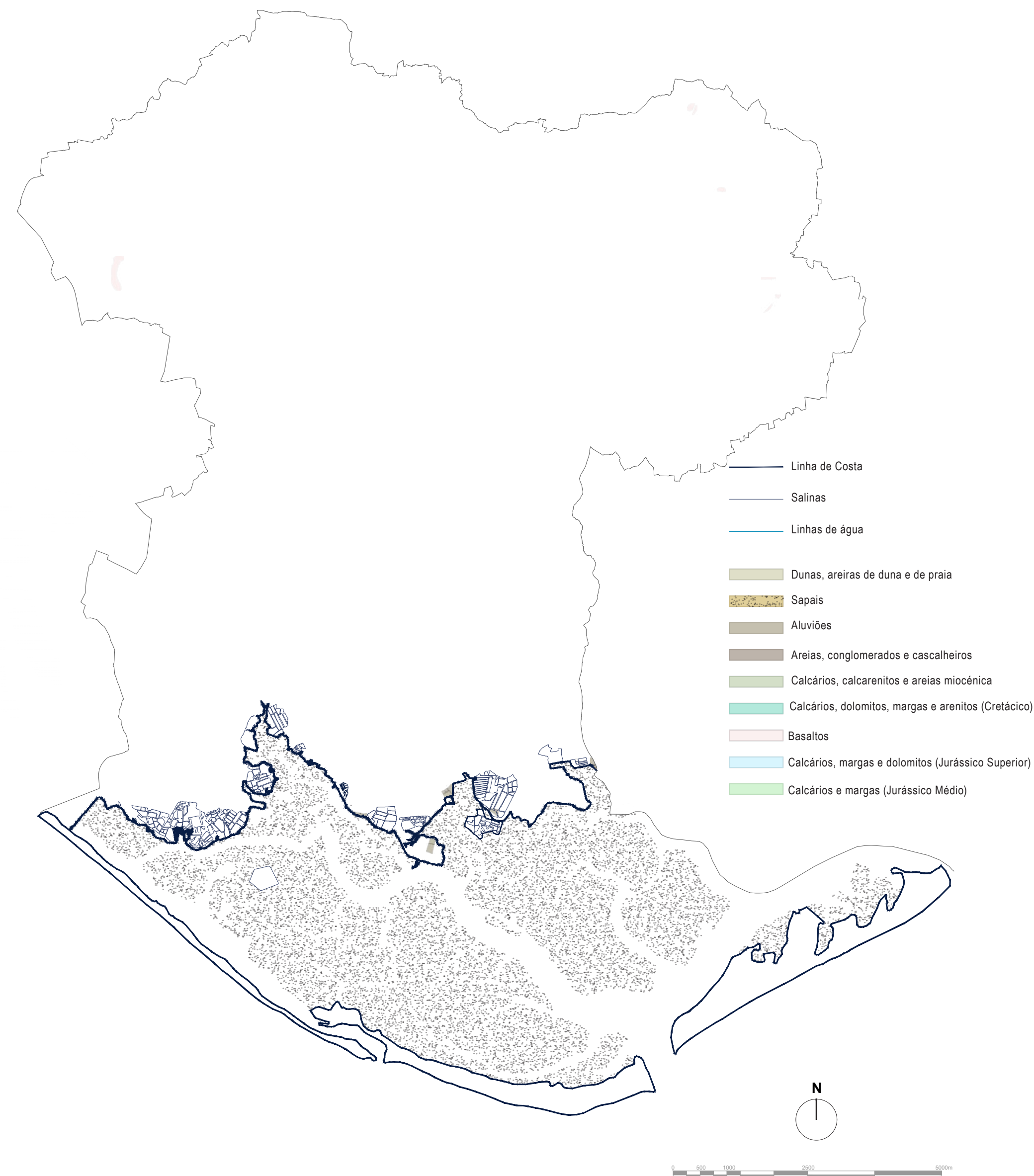


Fig. 18 - Geologia de Faro (Elaborado pela autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

31 - RISCO (1990) PDM de Faro, Relatórios de Estudos Prévios: 1 - 12. Faro: CMF.

32 - Manuppella, G., Ramalho, M. M. / Antunes, M. Telles / Pais, J. (2007) Notícia explicativa da Folha 53-A Faro. INETI, Departamento de Geologia, Lisboa

33 - RISCO (1990) PDM de Faro, Relatórios de Estudos Prévios: 1 - 12. Faro: CMF.

2.4.5 - Sistema hidrográfico

A água é um elemento importante para a caracterização e compreensão do território, contribuindo para o ordenamento, nomeadamente relativas à localização dos estabelecimentos humanos em sítios seguros que permitem o aproveitamento dos recursos existentes sem os degradarem ou destruírem, aos processos de produção agrícola, florestal e pecuária, bem como ao lazer.

As linhas de água, e as galerias ripícolas têm muita importância a nível de funções que desempenham, nomeadamente funções ecológicas, biofísicas, especificamente de suporte de biodiversidade, proteção e paisagístico, pelo que devem ser conservadas e valorizadas.

Quanto aos recursos hídricos, a orientação das linhas de água no concelho é no sentido norte-sul, acompanhando a disposição orográfica, sendo que drenam para a Ria Formosa. A maioria das linhas de água nascem nas elevações do extremo norte do concelho ou um pouco mais para norte já no concelho de S. Brás de Alportel. Estas linhas de água transpõem a cortina de cerros, através de alguns vales, mais ou menos encaixados.

Das bacias hidrográficas do concelho de Faro, a do rio Seco é a mais importante. Quanto às massas de água superficiais, estas têm um contexto temporário, com tipologias de rios de pequena dimensão e de escoamento médio anual entre os 50 e os 100mm, sendo que na zona norte pode ultrapassar os 100mm.³⁴

O principal curso de água existente é o rio Seco, quer pela área que banha, quer pela sua extensão. Também expressivas são a Ribeira do Biogal e a do Colmeal e a zona a montante da ribeira da Goldra. A nascente, as linhas de água de maior importância são as ribeiras da Meia-Légua e a ribeira de Bela Mandil.



Fig. 19 - Hidrografia do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano regional de ordenamento do território, Vol.II)

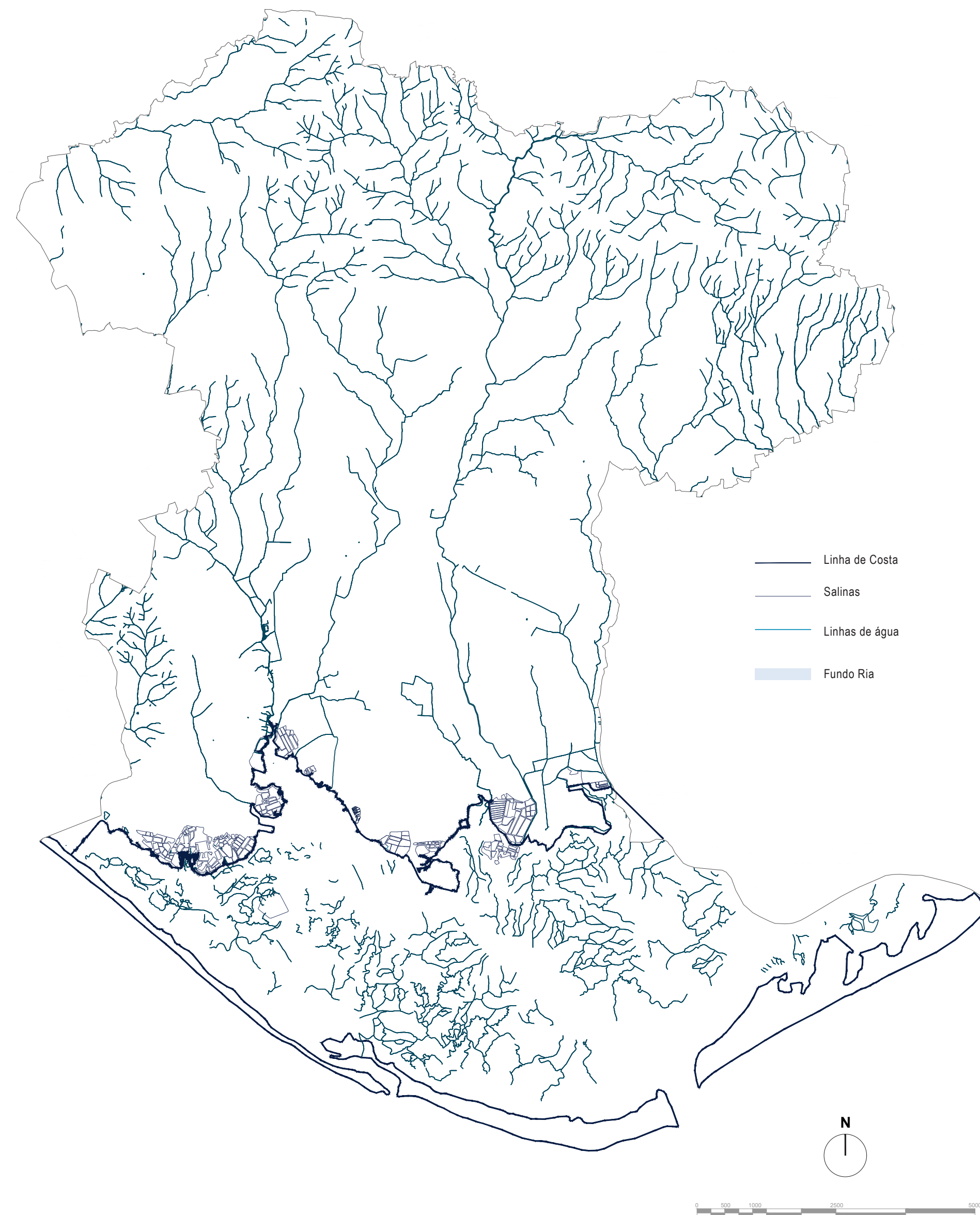


Fig. 20 - Hidrografia de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

2.4.6 - Edificado urbano

Os vários momentos de formação da cidade, para além das características físicas do terreno, são influenciados por fatores culturais, sociais e económicos e pela relação com a sua frente de água ao longo dos tempos.

Relativamente ao crescimento urbano da cidade de Faro, a principal característica deste tecido é a radialidade. A expansão ao longo do tempo fez-se por faixas circulares que acompanhavam a forma côncava do terreno, a partir do núcleo histórico. A cerca seiscentista é a marca da primeira expansão, o segundo raio de expansão corresponde à primeira coroa modernista que se desenvolve para além das atuais ruas Aboim Ascensão, General Teófilo de Trindade, Dr. Cândido Guerreiro e Dr. José de Matos. O terceiro raio desenvolve-se pela segunda coroa modernista que corresponde às áreas para além das avenidas Calouste Gulbenkian e Dr. Júlio Almeida Carrapato, a partir da qual se mantém o crescimento da cidade atual.³⁵ O núcleo histórico manteve-se parcialmente intacto, sem grandes impactos pela atividade turística. Ainda assim, o núcleo piscatório inicial foi transferido do bairro ribeirinho para a periferia, onde está representado o novo porto comercial e industrial.

O traçado urbano de Faro é caracterizado pela sua orientação radial de centro no núcleo primitivo. São perceptíveis as várias fases de crescimento da cidade, demarcadas pelas vias de maior acessibilidade. Para além desta caracterização, a malha adapta-se ao terreno, e sugere uma organização ortogonal.³⁶

O traçado histórico é mais denso em contraste com o desenho urbano mais recente. Este último é definido por quarteirões maiores, ainda que nem sempre regulares. Já na periferia, são visíveis aglomerados de edifícios dispersos. Relativamente aos espaços exteriores de circulação e permanência no assentamento de Faro, a rua dos pescadores, ou do compromisso marítimo, parte da Praça D. Francisco Gomes, local de destaque tanto do antigo porto como da atual marina. Esta via apresenta-se perpendicular à linha de água.

Dado o carácter de maior dimensão e importância desta cidade, os elementos urbanos estão amplamente distribuídos. Os espaços referentes à atividade piscatória, como o mercado, encontram-se longe do porto e do núcleo pesqueiro atual. Ainda assim, verifica-se a presença de cabanas de pescadores. No centro histórico encontram-se dispostas várias igrejas e os vestígios das antigas muralhas.

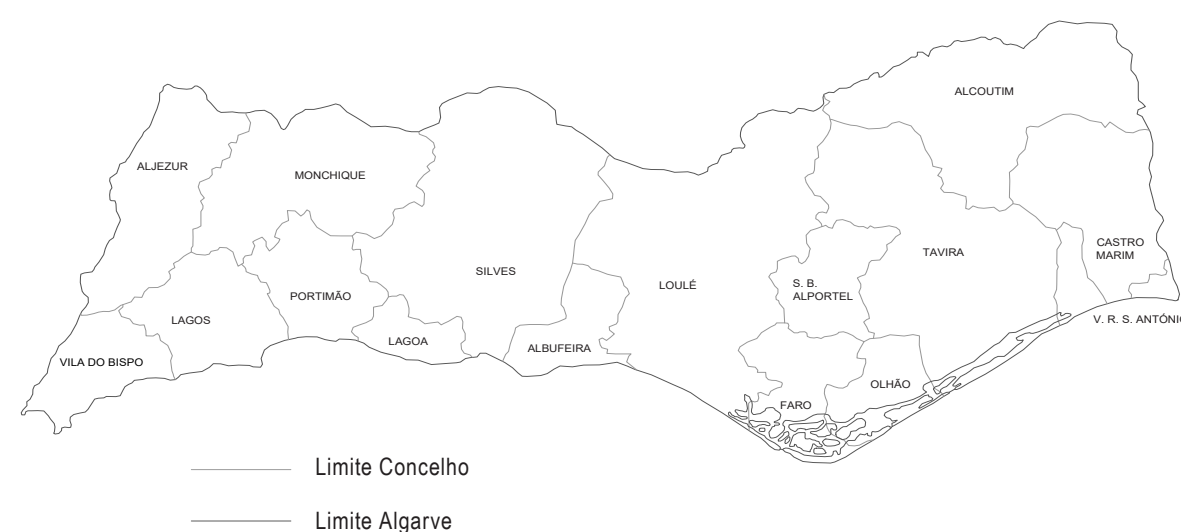


Fig. 21 - Divisão dos Concelhos do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol.II)

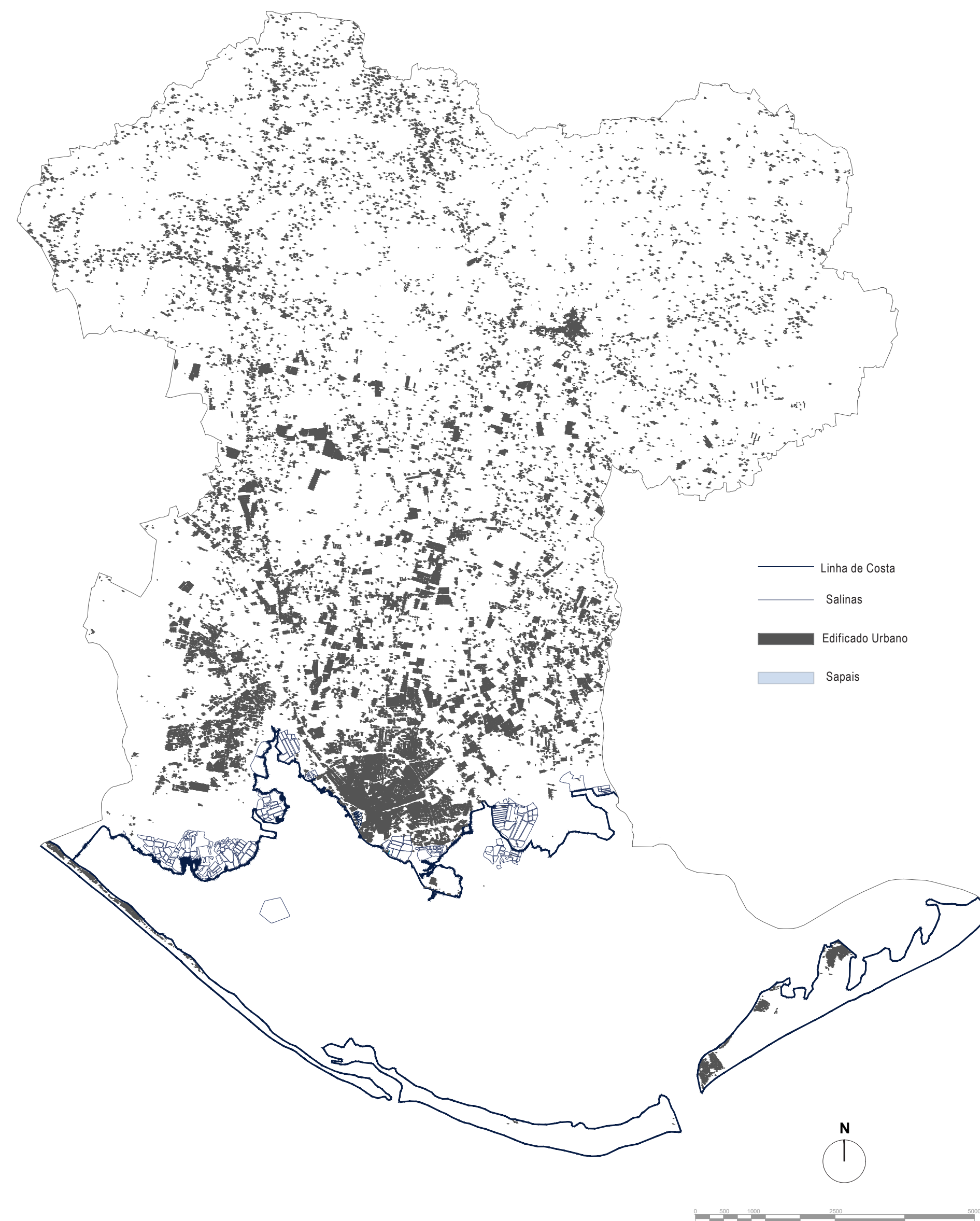


Fig. 22 - Malha Urbana de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/menu/1067/pdm.aspx>)

35 - PARQUExPO (2009) Estudo de Enquadramento Estratégico: Frente Ribeirinha de Faro - Relatório Final. Faro.

36 - RISCO (1990) PDM de Faro, Relatórios de Estudos Prévios: 1 - 12. Faro: CMF

2.4.7 - Sistema de circulação

A estrutura viária determina as ligações entre os diversos aglomerados e permite relações com outros territórios vizinhos. É uma componente importante do planeamento e ordenamento de um território pois estabelece o nível de acessibilidade e mobilidade das populações e o desenvolvimento socioeconómico e cultural. Com efeito, esta estrutura, que resulta da ocupação humana, induz à construção junto das suas vias e ao crescimento dos seus aglomerados.

A estrutura viária, de um modo geral assegura a relação do concelho com outras áreas urbanas do país, bem como com Espanha. Quanto ao desenvolvimento e distribuição no território concelhio, existe um número notável de ligações e uma elevada dispersão, manifestando-se numa malha radiocêntrica que converge na cidade de Faro. Esta é composta por dois eixos transversais – IP1/A22 e EN125/EN125-10, e três eixos longitudinais – EN2, EN125-4/IC4, e ER2, os quais servem de suporte ao desenvolvimento de alguns aglomerados.

Além destes principais eixos que servem de suporte à estruturação dos principais aglomerados, existem várias vias municipais e rurais que terminam, por vezes, em caminhos de acesso a propriedades, situação que deriva, em parte, do fenómeno da dispersão ocorrido nestes últimos anos, e que propiciou a transformação de rede municipal numa malha densa e pouco hierarquizada.³⁷

A nível ferroviário, a zona do Algarve é servida pela linha do sul e pela linha do Algarve. Esta última atravessa longitudinalmente o Algarve, tendo como principais estações, Lagos, Portimão, Tunes, Albufeira, Olhão, Tavira, Faro e Vila Real de Santo António. Em Faro, a linha do caminho de ferro passa a sul do concelho, na margem litoral, limitrofe à Ria Formosa. A linha sul é a linha que liga a estação de Campolide, em Lisboa, à estação de Tunes, no Algarve, é a segunda linha mais importante do território nacional.

Em Montenegro localiza-se o aeroporto internacional de Faro, tem boas acessibilidades à cidade e à região do Algarve, é uma das mais importantes infraestruturas nacionais, relacionado principalmente à atividade turística.

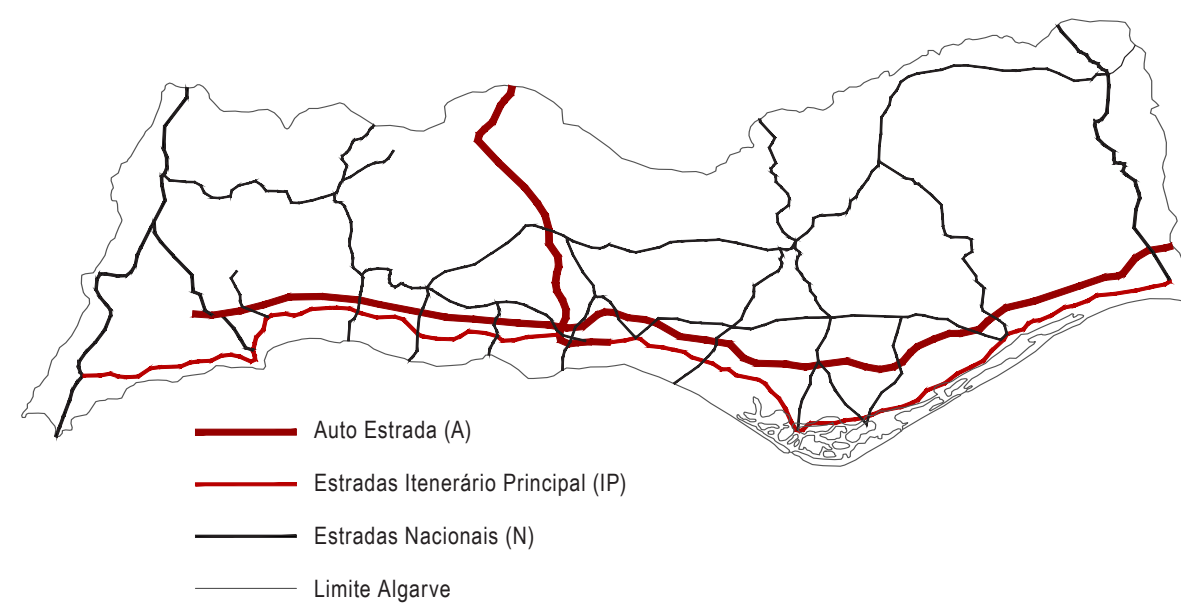


Fig. 23 - Sistema Viário do Algarve (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível no plano de mobilidade e transportes)

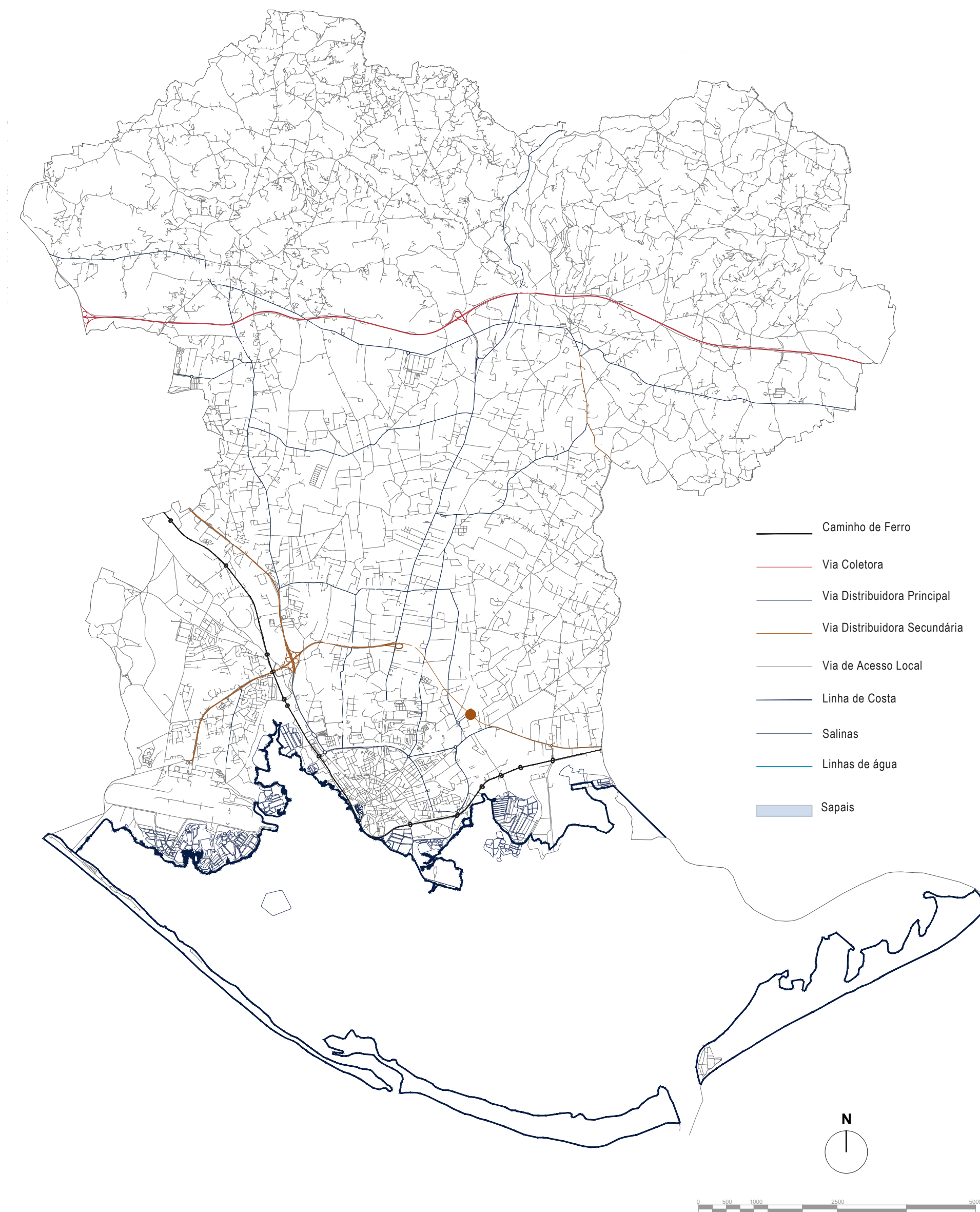


Fig. 24 - Sistema Viário de Faro (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

2.4.8 - Espaços verdes

Os espaços verdes em Faro são um elemento fundamental do ambiente urbano da cidade. Eles são essenciais para melhorar a qualidade de vida dos residentes e visitantes, oferecendo uma sensação de tranquilidade e natureza no meio do ambiente urbano.

Outro aspeto importante dos espaços verdes em Faro é o seu papel na promoção da saúde e bem-estar dos moradores e visitantes da cidade. A exposição à natureza tem sido associada a uma variedade de benefícios para a saúde, incluindo a redução do estresse, melhoria do humor, aumento da criatividade e melhoria da função cognitiva. Além disso, a prática de atividades físicas ao ar livre, como caminhadas, corridas, ciclismo e ioga, pode ser ainda mais benéfica para a saúde e bem-estar.

Embora Faro tenha uma boa quantidade de espaços verdes, algumas pessoas podem argumentar que não há espaços verdes suficientes na cidade. A quantidade de áreas verdes é sempre uma questão de perspectiva, e depende do tamanho e densidade da cidade, bem como da demanda e necessidades da população.

“Sobre os espaços verdes da cidade de Faro, pode dizer-se que há falta deles, pois os espaços verdes urbanos — parques, jardins, hortas, ruas e praças arborizadas — desempenham um papel insubstituível na qualidade de vida dos cidadãos.

Se a cidade tiver vegetação abundante, torna-se mais húmida e fresca, o que para Faro não é uma questão de somenos. Também na adaptação às alterações climáticas, é fundamental a criação de áreas frescas para refúgio da população, em situações de ondas de calor.”³⁸

Segundo as recomendações da World Health Organisation (WHO), adotadas pela United Nations Food and Agriculture Organization (FAO) as áreas de espaço verde por habitante devem corresponder a um mínimo de 9m², por habitante³⁹.

“Como o Glocal Faro já alertou aqui, cada habitante de uma cidade necessita, pelo menos, de 40 m² de estrutura verde urbana e a cidade de Faro disporia, em 2015, de 8,8 m² de estrutura verde por habitante, o que é claramente insuficiente.”⁴⁰

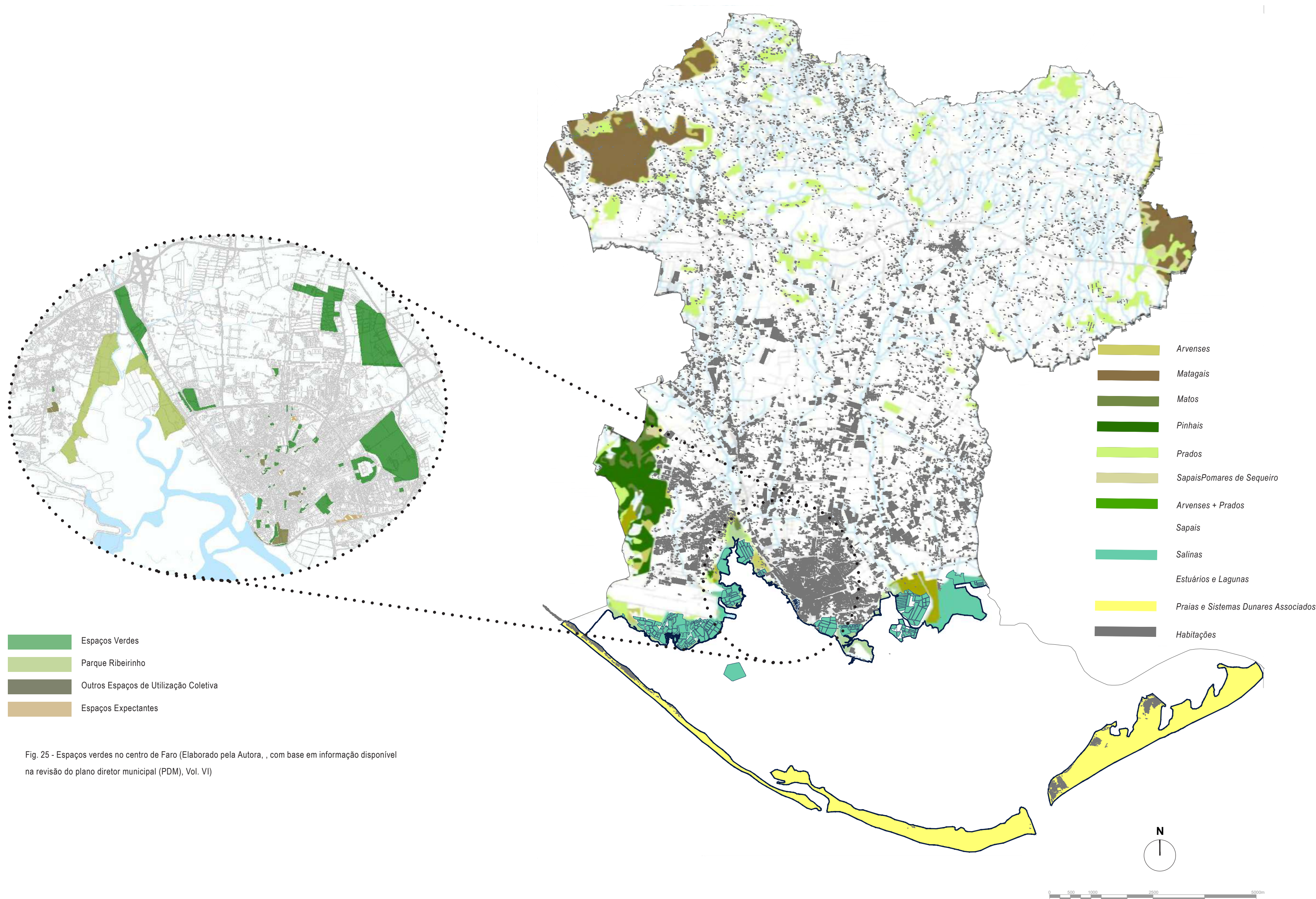


Fig. 25 - Espaços verdes no centro de Faro (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol. VI)

Fig. 26 - Vegetação de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

38 - Sul Informação. (2021, janeiro). "Espaços verdes precisam-se." Recuperado de <https://www.sulinformacao.pt/2021/01/espacos-verdes-precisam-se/>

39 - Singh, V. S., Pandey, D. N., & Chaudhry, P. (2010). Urban forests and open green spaces: Lessons for Jaipur, Rajasthan, India. Rajasthan: Rajasthan State Pollution Control Board.

40 - Sul Informação. (2021, janeiro). "Espaços verdes precisam-se." Recuperado de <https://www.sulinformacao.pt/2021/01/espacos-verdes-precisam-se/>



3.0 - Os Banhos Salinos

Introdução

Evolução Histórica

Talassoterapia em Portugal

“Num local privilegiado, a talassoterapia é a utilização simultânea, sob supervisão médica e com fim curativo ou preventivo, das virtudes terapêuticas do meio marinho, que compreende: a água do mar, o clima marinho, os lodos marinhos, as algas, a areia e todos os produtos que podem concentrar os elementos deste meio “

(Bardelon em Fernandes e Fernandes, 2008:124).

3.1 - Introdução

Ao longo dos tempos, a indústria do turismo focada na promoção da saúde e do bem-estar tem progressivamente ganhado maior proeminência. No entanto, apesar de Portugal possuir uma extensa linha costeira, a prática da talassoterapia ainda não alcançou o reconhecimento desejado. Isso deve-se, por um lado, à falta de informação disseminada entre o público em geral, ou seja, à falta de consciência sobre os benefícios que esse tipo de terapia à base de água marinha proporciona para a saúde. Por outro lado, também é devido à escassez de infraestruturas adequadas para suportar essa modalidade terapêutica.

Desde os tempos antigos, que o Homem começou por frequentar os banhos públicos quer fosse por lazer ou por algum género de tratamento terapêutico de prevenção e cuidado, era utilizada água mineral. Mais tarde, segundo alguns estudos elaborados na época, comprovaram que a água do mar e outros elementos marinhos possuíam também características curativas, na qual levou a muitas pessoas começarem a se dirigir às praias com o fim de beneficiar do clima marítimo melhorando a saúde de cada um e por uma questão de lazer pessoal. O termo técnico deste tipo de tratamento, com origem grega, é a Talassoterapia. O nome indicado foi criado pelo médico Bonnardière em 1867 e divide-se em duas palavras: "Thalassa", tendo como significado Mar, e "Therapea", tal como o próprio nome indica Terapia³⁹, a Talassoterapia é também definida no Pschyrembel, o dicionário da medicina, como "o uso terapêutico dos fatores estimulantes próprios do litoral: o clima (os raios solares, os aerossóis), os banhos (a água salina, as ondas)". Esta é uma prática já utilizada no passado, na medida em que os fenícios, os gregos e os romanos já utilizavam as propriedades profiláticas e terapêuticas do mar.⁴⁰

Dentro do âmbito da talassoterapia, várias abordagens assemelham-se às práticas do termalismo, como a imersão em banhos, duches revitalizantes, terapias em piscinas e tratamentos com aerossóis. Similarmente, ambas as abordagens abordam os pilares de cura, prevenção de doenças e promoção da saúde, adotando uma visão holística da saúde que se resume no alcance do bem-estar integral.



Fig. 28 - Praia de Matosinhos, 1913 (Diário de Notícias)

39 - Rocha, C. R. (2006). Talassoterapia: Melhoria da Qualidade de Vida . Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 2.

40 - FERNANDES, João; FERNANDES, Filomena (2008). Spas, Centros Talasso e Termas: turismo de saúde e bem-estar. Lisboa: Gestão Plus. P.121

3.2 - Evolução Histórica

O uso terapêutico da água do mar remonta à antiguidade. Os egípcios foram os primeiros a investigar as propriedades da terapia com a água do mar⁴¹. Hipócrates, Galen, Plato e Aristóteles já na altura recomendavam o uso não só dos banhos quentes para o cuidado e limpeza de pequenas feridas ou fissuras e prevenção de infeções, mas também a água do mar para outros benefícios.

Hipócrates, que é nomeado como “O pai da medicina” dizia que: “A água do mar, tomada em banhos, é boa nos casos de prurido e ardor de pele; ela é boa igualmente em vaporização, sem negligenciar as unções, as cataplasmas de folhas de vegetais marinhos, as compressas. É vantajosa no tratamento de feridas...”⁴²

Os romanos herdaram muitos aspetos da cultura grega⁴³, inclusive o fascínio pelo banho, ainda que afastaram o prazer da boa-forma física e do convívio. Reinterpretaram o modelo arquitetónico termal grego, ultrapassando-os na escala e na complexidade dos banhos.⁴⁴ Estes inventaram os mais conhecidos banhos de lama recolhida do fundo do mar com propriedades hidratantes que purificavam a pele e a exposição solar, adaptados aos tratamentos de helioterapia relativamente aos dias de hoje, como foi referido por Cícero (10643 a.C.), chamava aos banhos de sol, “sol arsus”⁴⁵

Com a queda do império romano “ditou uma realidade que veio a enraizar-se nos hábitos culturais até ao século XVIII: ninguém tomava banho e mesmo a higiene básica era desvalorizada.”⁴⁶ Foi durante a idade média que se deu a retrocesso no desenvolvimento termal europeu, porque a igreja condenava a nudez imposta pelos banhos, considerando-os um ato de luxúria, estabelecendo restrições relativas à higiene e ao prazer. Deste modo “a higiene corporal veio [...] a transformar-se numa questão a que a água era alheia, e a limpeza da roupa branca substituiu a limpeza da pele”.

O culto da água era considerado pecado, havia superstições e passaram a julgar o mar como o elemento aterrorizante, era conhecido na época como “o Reino do príncipe dos Ventos”, o que transparecia algo de muito mau como o diabo. Portanto, fez com que diminuísse o interesse por este tipo de atividades e curas. Por comparação, em Paris era utilizado apenas 15 litros de água por dia e nos tempos dos romanos utilizava-se 1000 litros. As pessoas diziam que “A idade média foi repugnante e horrrosa com o mar” e não teria sido apenas em França.⁴⁷

41 - France Thalasso. (2017). Les bains de mer au cours des siècles. Obtido de FranceThalasso: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/#la-thalassotherapie-dans-lantiquite>

42 - Deledicque, A. (1979). Thermalisme, Thalassothérapie, Tourisme. Paris.

43 - “Para gregos e romanos as nascentes de água minero-medicinais eram dádivas dos deuses. Minerva, Vulcano e sobretudo Hércules, eram festejados e adorados pelos gregos, e os romanos atribuíam a um deus ou a uma ninfa a titularidade de cada estância termal.” (cit. por RAMOS, Domingues - Dicionário Técnico de Turismo, p.312).

44 - RAMOS, Adelina Rita – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.25

45 - France Thalasso. (2017). Les bains de mer au cours des siècles. Obtido de FranceThalasso: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/#la-thalassotherapie-dans-lantiquite>

46 - FERREIRA, Maria Leite – Fotos. O que unia ricos e pobres no passado? O medo do banho [em linha]. [S.l.]: Maria Leite Ferreira, 2016, actual, 2016 [Consult. 2 Ago. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:<http://observador.pt/2016/05/09/fotos-unia-ricos-pobres-no-passado-medo-do-banho/>>

47 - Valente, N. T. (2014). Benefícios da Talassoterapia na Costa Portuguesa. Vila Real:Universidade de Trás os-Montes e Alto Douro.



Fig. 29 - Gravura de Luigi Sabatelli (1772–1850) de Florença durante a peste em 1348, baseada em O Decameron de Giovanni Boccaccio (history).

Segundo Valente, em “Benefícios da Talassoterapia na Costa Portuguesa”, no século XVI, houve uma retoma na utilização da água salgada como recurso terapêutico. Nesse contexto, a França emergiu como líder no setor da talassoterapia, atraindo diversos pesquisadores que buscavam informações e oportunidades de experiência nesse campo.

O doutor Richard Russel (1701-1771), que estudava desde 1750 os efeitos da ingestão da água do mar como forma de tratamento, escreveu o livro “On the use of sea water in the diseases of the glands”.⁴⁸ Foi a primeira análise e dissertação escrita sobre a Talassoterapia. O jovem biólogo defendia que o nosso sangue e as propriedades do nosso organismo assemelham-se com a água do mar; este declarava que: “O nosso organismo não passa de um aquário marinho de água do mar e do plasma marinho e relançaria a talassoterapia em bases científicas, deixando-nos o plasma de Quinton mais eficaz que o soro fisiológico.” Russel defendeu a teoria que ingerindo pequenas quantidades de água do mar e através da balneoterapia ira obter resultados favoráveis e assim decidiu tornar público os seus conhecimentos através do livro. Citando um excerto do livro Russel refere: “Muitas vezes eu trouxe fracos e crianças pálidas, fui capaz de devolver a seus pais num estado florescente como nenhum outro tratamento que o do banho do mar.”⁴⁹

A Europa torna-se palco do desenvolvimento de técnicas do termalismo, mais especificamente nos séculos XVII e XVIII, surgiram os primeiros textos acerca da talassoterapia; em 1778 apareceu o pioneiro do Instituto de Talassoterapia Louis, Bagot; e em 1790, o Dr. John Latham formou o primeiro hospital marinho militar em Inglaterra.⁵⁰

O grande homem da talassoterapia foi o Dr. Joseph La Bonnardière, mesmo que se tenha conhecido os tipos de tratamento e as suas eficácias há séculos atrás. No dia 31 de dezembro de 1865 em Montpellier, Bonnardière apresentou a sua tese intitulada como “Introdução à Talassoterapia”. Esteve em Arcachon, uma comunidade francesa, em que percebeu que a talassoterapia não se baseava apenas nos banhos de água salgada como também englobava outros tipos de tratamentos à base de algas, areias e o próprio clima à beira mar.

Em 1908, no Mónaco, surgiu o primeiro edifício concebido com uma perspetiva inteiramente voltada para o mar, proporcionando acesso direto à praia com o propósito específico de oferecer banhos de água salgada. Devido a essa margem ser do domínio público, mais propriamente frequentado por militares, o edifício onde eram elaborados os tratamentos estavam frequentemente a mudar de local, logo acabou por destruir um pouco da imagem da baía.⁵¹

Atualmente, a França tem cerca de 40 centros de talassoterapia, sendo notável por sua diversidade de opções terapêuticas. Em contrapartida, em Portugal, verifica-se que o número de estabelecimentos de talassoterapia existente é reduzido.⁵²

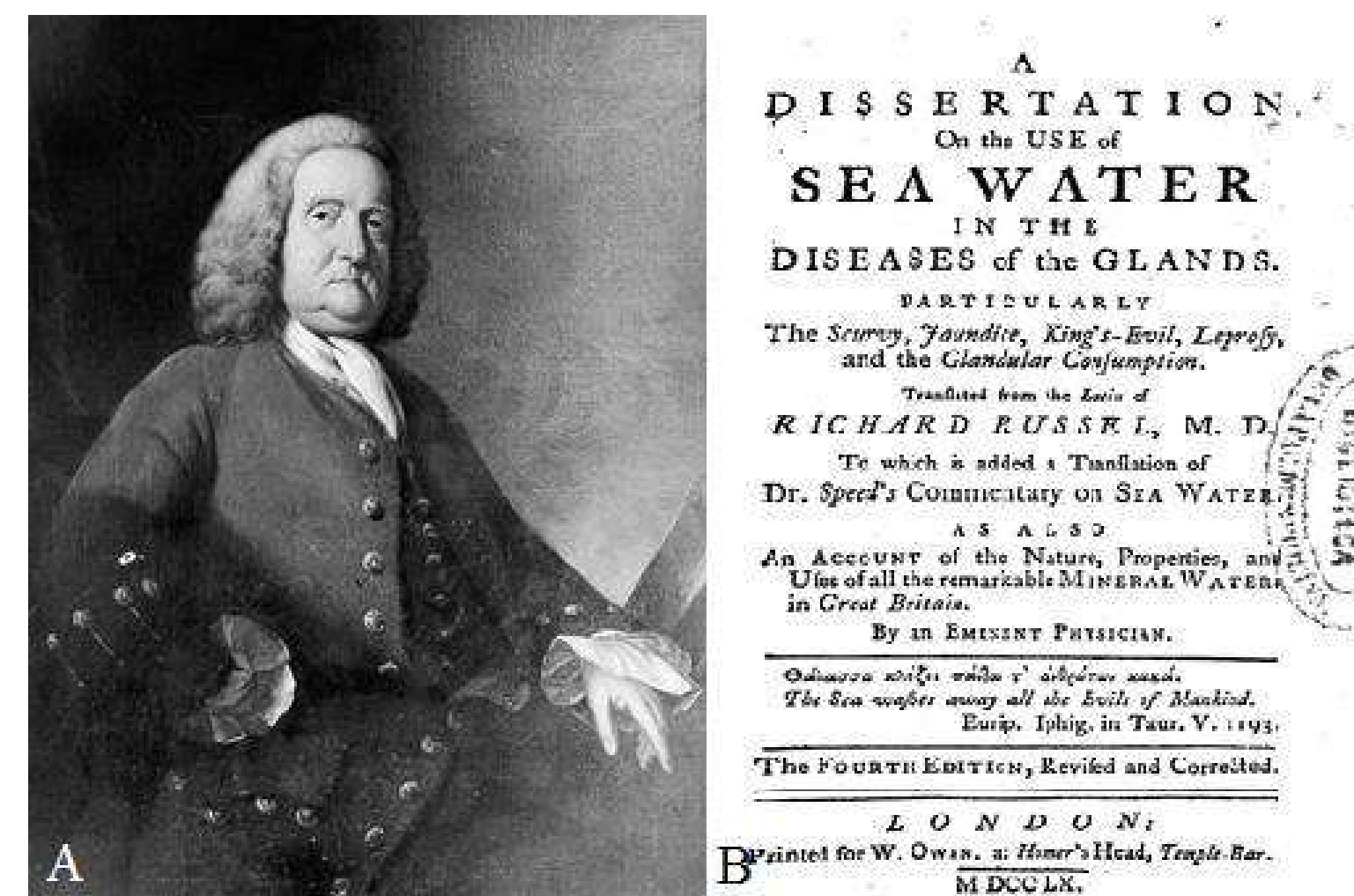


Fig. 30 - (A) Pintura em tela do retrato do Richard Russel (1687-1759) (Jackson, 1991) e (B) Imagem da capa da dissertação “The use of sea water in the diseases of the glands”(Russel 1753) (Valente, 2014).

48 - Valente, N. T. (2014). Benefícios da Talassoterapia na Costa Portuguesa. Vila Real:Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

49 - Russel, M. D. (1753). Sea water in the diseases of the glands. London: Homer's Head, Temple-Bar.

50 - Valente, N. T. (2014). Benefícios da Talassoterapia na Costa Portuguesa. Vila Real:Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

51 - Carrizo, P. G. (2007). Curar com água. Espanha: Idea y Creación.

52 - FERNANDES, João Viegas; FERNANDES, Filomena Viegas (2008) – Spa, Centros Talasso e termas: turismo de saúde e bem-estar. Lisboa: Gestão Plus Edições.

3.3 - Talassoterapia em Portugal

A costa portuguesa é detentora de excelentes recursos e de condições propícias à localização de estabelecimentos de talassoterapia. De facto, 1792 quilómetros de costa (Continente e Arquipélagos dos Açores e Madeira) proporcionam condições excepcionais para implementar e desenvolver produto de turismo de saúde e bem-estar. Contudo, verifica-se que o número de estabelecimentos de talassoterapia existente é reduzido.⁵³

O Algarve, tem se destacado como um dos destinos litorâneos mais procurados, adotando práticas de talassoterapia desde cedo e adquirindo conhecimento sobre seus tratamentos. Esta região tem sido reconhecida como uma área de excelência, devido às características da água, que apresenta temperaturas mais elevadas e uma salinidade superior em comparação com outras áreas costeiras do país. Diz-se que os árabes foram os primeiros a iniciar esta prática neste local. Chegaram à Península Ibérica em 710 onde conquistaram Faro e Silves, muito antes de D. Afonso III ter reconquistado esses mesmo locais, mais propriamente em 1249.⁵⁴

O Resort Vilalara foi o primeiro centro de talassoterapia em Portugal; surgiu na década de 1990, já pertencente ao Resort.⁵⁵ As técnicas aplicadas neste centro foram elaboradas com base no que era descrito em centros de talassoterapia em França, onde a cultura desta vertente era praticada há mais tempo. Segundo a história indicada no web site do resort⁵⁶, o proprietário que levou a ideia da talassoterapia avante foi um suíço Léon Levy, com o objetivo de atrair não só clientes no Verão, mas também no Inverno. Este hotel é bastante prestigiado, estando desde 2010 entre os cinco melhores a nível mundial.

A Talassoterapia constitui uma oferta turística que tem vindo a registar um desenvolvimento assinalável a nível mundial, assumindo-se como um produto diferenciador, potenciador da inovação e da competitividade do turismo.

Se outrora foram as termas que impulsionaram o desenvolvimento das localidades onde se inseriam e as circundantes, hoje, e no exemplo concreto desta dissertação, foi o desenvolvimento que se faz sentir, dia após dia em Faro, que levou a crer que haverá espaço para inserir, aqui, um centro de talassoterapia, pela procura que existe, pelos recursos locais, neste caso o mar, e pela necessidade de dar resposta a este crescimento do turismo, através de equipamentos de lazer, que vão para além da dimensão terapêutica que simbolizam.



Fig. 31 - Resort Vilalara, Alporcinhos, freguesia de Porches, concelho da Lagoa (portugalvia)

53 - Fernandes e Fernandes (2008) – Spa, Centros Talasso e termas: turismo de saúde e bem-estar. Lisboa: Gestão Plus Edições.

54 - Fernandes e Fernandes. (2011). Turismo de Saúde e Bem-estar No Mundo - Ética, Excelência e Sustentabilidade. Em J. V. Fernandes. São Paulo: Editora Senac São Paulo.

55 - Brilhante, P. (2010). Talassoterapia: Tratar corpo e mente com água do mar! Obtido de Expresso - Boa Cama Boa Mesa: <http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/boa-vida/experiencias/2010-09-09-talassoterapia-tratar-corpo-e-mente-com-agua-do-mar>.

56 - Brilhante, P. (2010). Talassoterapia: Tratar corpo e mente com água do mar! Obtido de Expresso - Boa Cama Boa Mesa: <http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/boa-vida/experiencias/2010-09-09-talassoterapia-tratar-corpo-e-mente-com-agua-do-mar>.

4.0 - Projeto

Introdução

Plano urbanístico

Antigo armazém das salinas



Fig.32 - Vista dos Edifícios da Proposta de Reabilitação das Salinas (Elaborada pela Autora)

4.1 - Introdução

Este projeto, elaborado na unidade curricular de Projeto Avançado II, tem como base a reabilitação do armazém das salinas Neves Pires, localizadas em Faro, visa preservar e revitalizar um importante património cultural e natural da região.

As salinas em questão consistem num notável ponto geográfico no contexto urbano de Faro, localizadas em estreita proximidade com o centro histórico da cidade. A sua posição de charneira entre a cidade e a Ria Formosa, delimitando o perímetro urbano consolidado e servindo como elo de ligação entre esse espaço urbano e o ambiente natural protegido da Ria Formosa. No entanto, essa área encontra-se atualmente em um estado de abandono e considerável degradação.

Numa análise morfológica da cidade de Faro, destaca-se um corte urbanístico provocado pela linha ferroviária. Esse corte exerce uma influência marcante na relação entre a área urbana e o ecossistema da Ria Formosa. Nas salinas, a linha ferroviária age como uma barreira física que fragmenta a cidade, interrompendo a sua conexão orgânica com a Ria Formosa.

A estratégia proposta para a resolução deste problema urbanístico é a mudança do caminho de ferro para as costas da cidade, substituindo a linha antiga por um moderno sistema de metrô de superfície. Como à muito se estuda para que tal aconteça, como dito no jornal Público: "A linha passa entre a ria Formosa e a zona histórica da cidade e o documento que dá corpo ao PDM refere a "relocalização do percurso da linha de caminho-de-ferro de forma a diminuir o efeito barreira causado pela mesma", propondo em alternativa uma variante que passasse a norte de Faro e onde seria construída uma nova estação ferroviária."⁵⁶



Fig. 33 - Corte Urbanístico (Elaborada pela a autora)

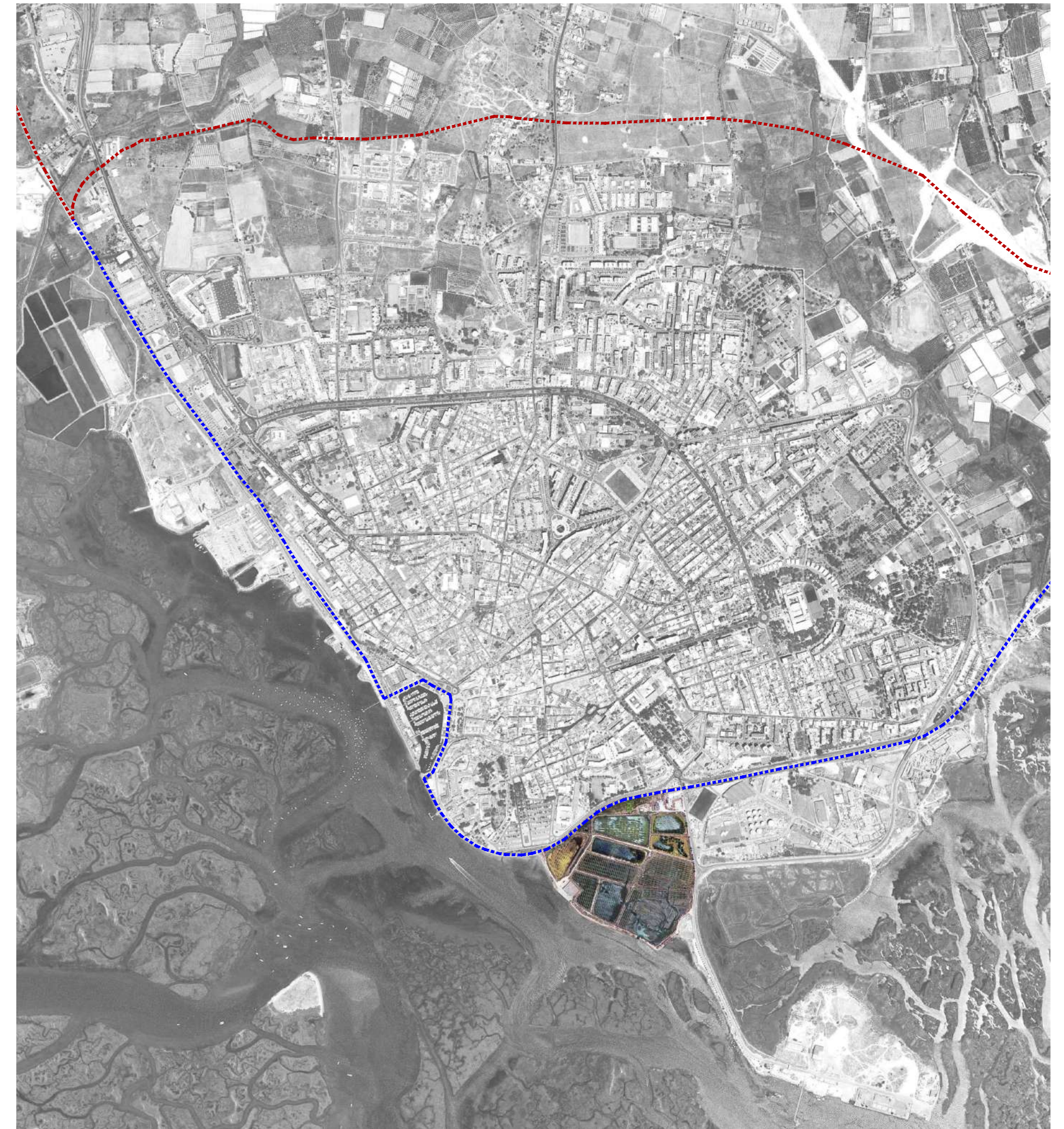


Fig. 34 - Proposta da Alteração da linha ferroviária em Faro (Elaborada pela a autora)

56 - <https://www.publico.pt/2018/02/06/local/noticia/governo-indisponivel-para-financiar-variante-ferroviaria-em-faro-1802035>

4.2 - Plano Urbanístico - Jardim Neves Pires

Com esta mudança, a zona das salinas poderá ser transformada num amplo jardim urbano, com espaço para o lazer e contemplação da natureza, visto que, como anteriormente mencionado, Faro tem poucos espaços verdes para o número de habitantes existente.

Os edifícios existentes, como o armazém das salinas, serão adaptados para novas funções, como um espaço de talassoterapia, onde as propriedades medicinais e terapêuticas da água do mar podem ser aproveitadas para o bem-estar dos visitantes.

O moinho de S. Francisco, outro edifício histórico das salinas, poderá ser transformado num centro interpretativo das salinas, onde os visitantes poderão aprender mais sobre a história e importância da atividade salineira na região, além de conhecer os processos de produção de sal.

Essa intervenção urbana terá grande impacto na região, proporcionando a preservação do património histórico e natural, criando um espaço verde, que atualmente a cidade é carente. Além disso, a mudança do caminho de ferro para as costas permitirá melhorar a conexão entre a cidade e a Ria Formosa

Com a implementação deste projeto, as salinas Neves Pires tornar-se-ão um importante ponto turístico da cidade, atraindo visitantes de todo o mundo, além de promover o desenvolvimento económico local, com a geração de novos empregos e negócios relacionados ao turismo e lazer.



Fig. 35 - Vista da zona de jardim (Elaborada pela a autora)



Fig. 36 - Proposta para a Reabilitação das Salinas Neves Pires (Elaborada pela a autora)

4.3 - Antigo Armazém das Salinas - Espaço de Talassoterapia

O antigo Cais Neves Pires (séc. XVIII) foi construído numa zona de sapais, numa fase posterior à da construção do Moinho de São Francisco (séc. XVII).

Ambas as construções, o armazém de apoio às salinas e o moinho de maré, foram edificadas em alvenaria de pedra calcária. Não só por ser uma rocha presente no barrocal da cidade, o que proporcionou menos esforços e custos no seu uso construtivo, mas também por esta apresentar maior resistência e impermeabilidade relativamente aos problemas de estabilidade do local, tais como a erosão e deslizamento dos sapais provocados pela ação das marés.

Entendendo assim a importância que este material construtivo tem neste lugar, historicamente e estruturalmente, a nossa ação de projeto passa por preservar a sua génese e estrutura, propondo todo o programa dos banhos no seu interior sem que a nova estrutura interfira com a existente.

Para isso foram criados quatro terraços, nas diferentes naves, a diferentes cotas, que fazem a distinção do programa que se localiza no interior e exterior da pré-existência e que gradualmente vão possibilitando a vista e observação sobre as salinas e sobre a ria formosa. Esses pátios, lajes de betão armado, são suportados por paredes estruturais de betão, metricamente distanciadas, desenhando assim os espaços do programa interior.

Na primeira nave localiza-se o primeiro terraço, o terraço de chegada cujas as suas paredes circundantes assumem toda a altura do edifício (5,75m). Da primeira nave temos acesso, através de rampas, aos restantes terraços que se encontram a cotas superiores, e ao interior do edifício.

A segunda nave alberga uma cafetaria, seguida de um balcão de receção e os balneários. A terceira nave divide-se em duas zonas, a zona de vapor, onde se encontram as saunas e os banhos de vapor e a zona de tratamentos. Na última nave estão dispostas as três grandes piscinas, a diferentes temperaturas. Esta última nave tem acesso ao tanque de água salina exterior.

Os dois pátios que se encontram a 3m de altura, albergam um ginásio ao ar livre e um espaço de estar. Por último, e a 5m de altura encontra-se o pátio que alberga o espaço de ioga com vista para as salinas e para a ria.



Fig. 37 - Interior Antigo Armazém das Salinas - Receção (Elaborada pela a autora)

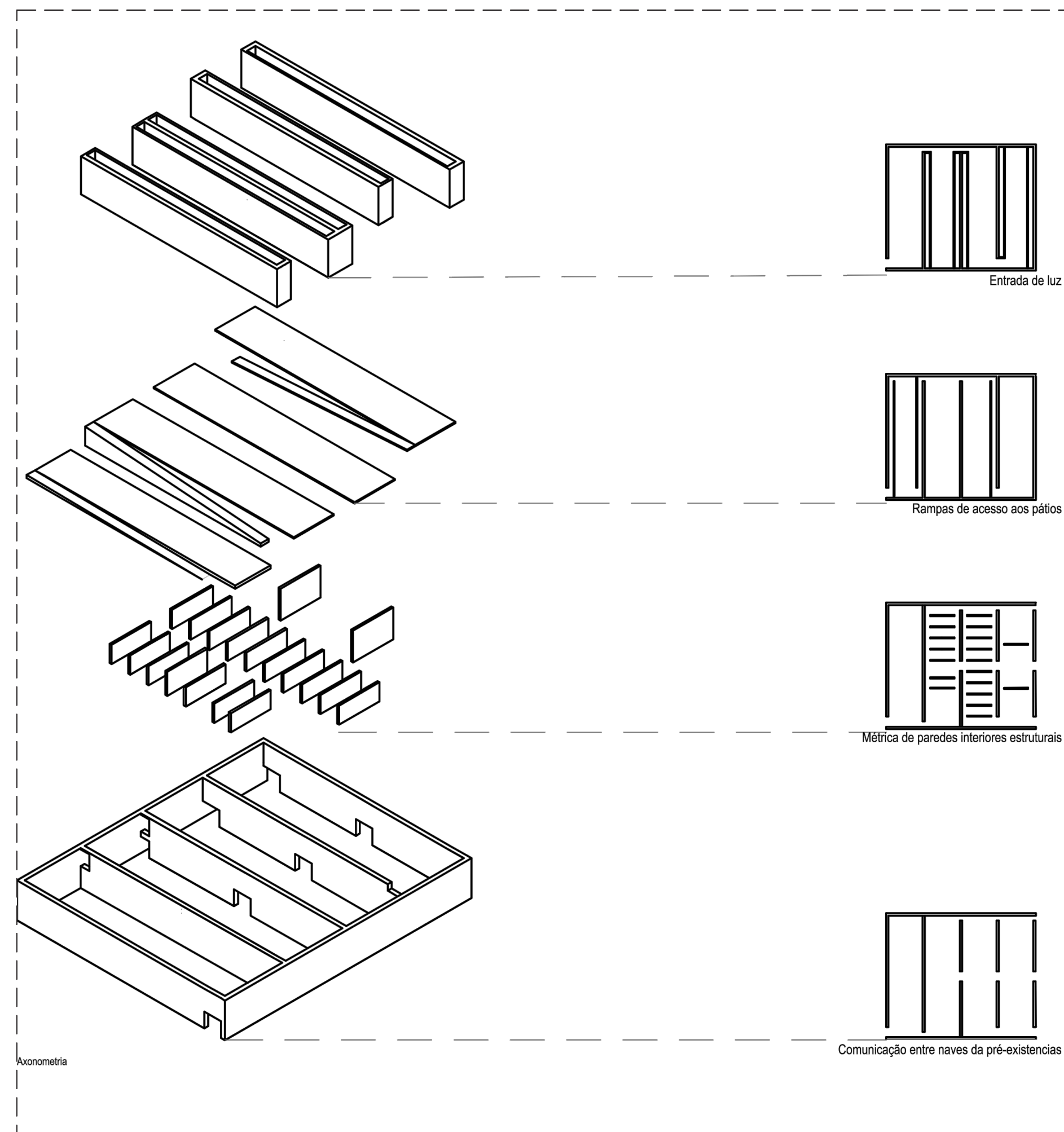
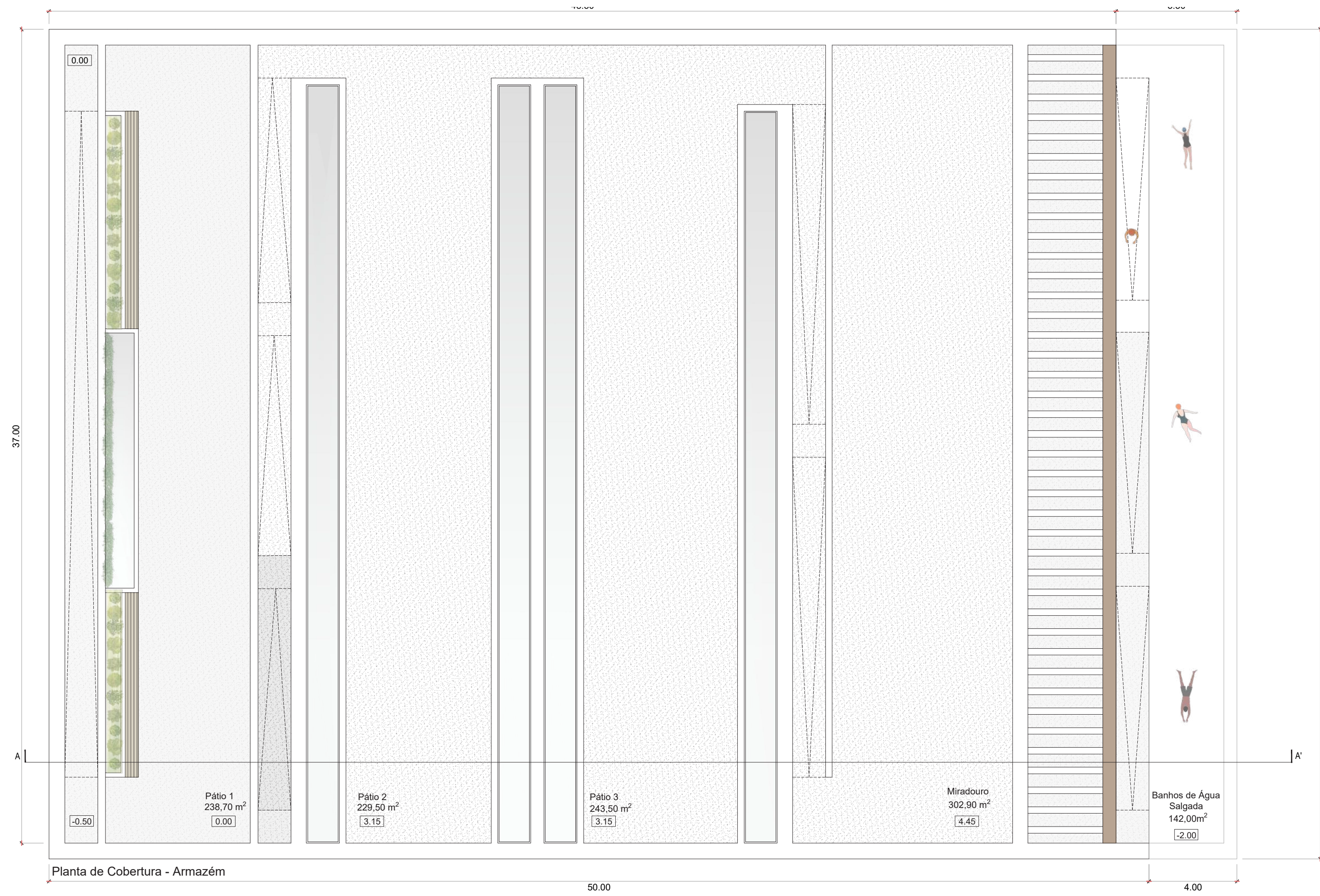
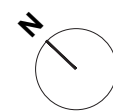
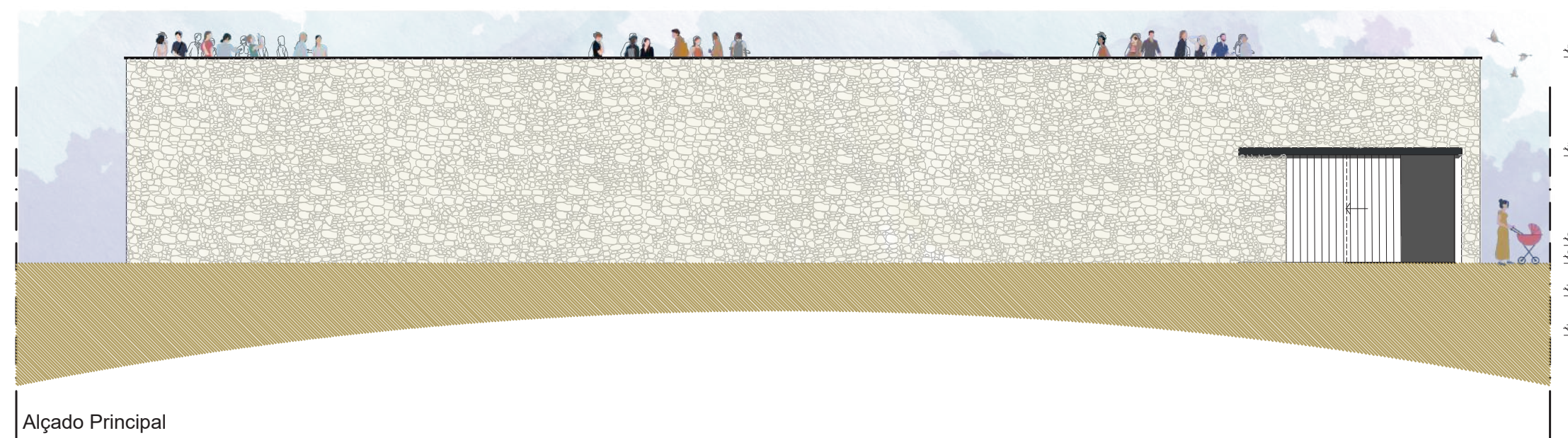


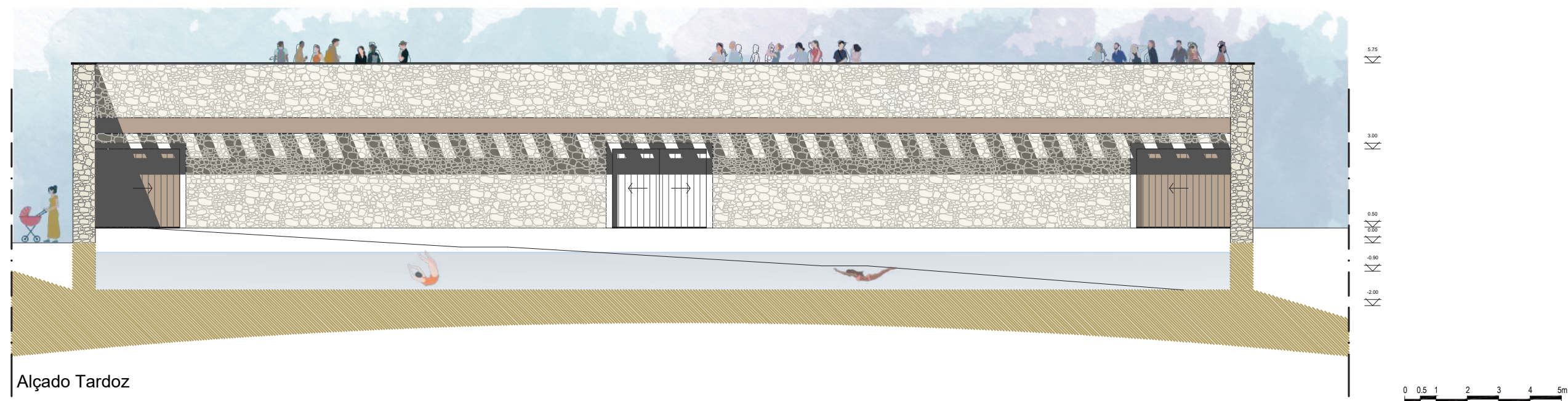
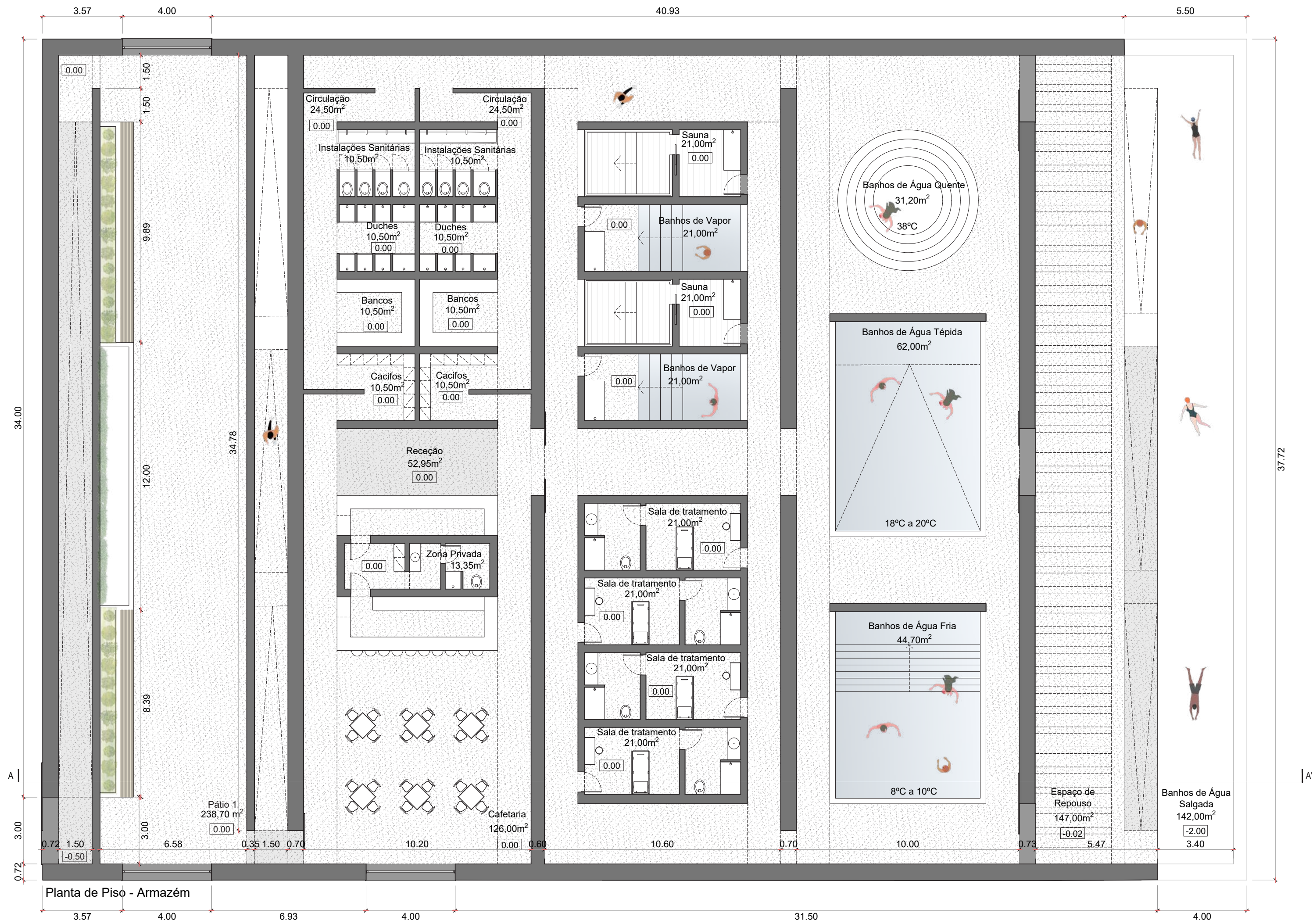
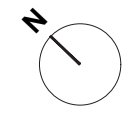
Fig. 38 - Esquema da elaboração espacial do edifício (Elaborado pelos alunos, com supervisão dos docentes, no âmbito da cadeira de Projeto Avançado II, 2016/2017)

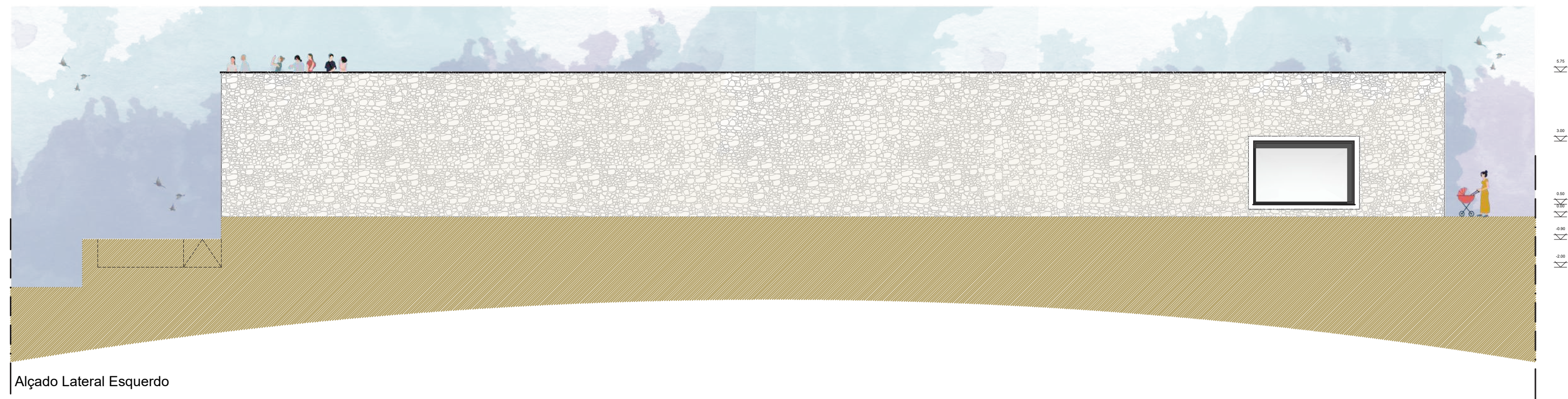
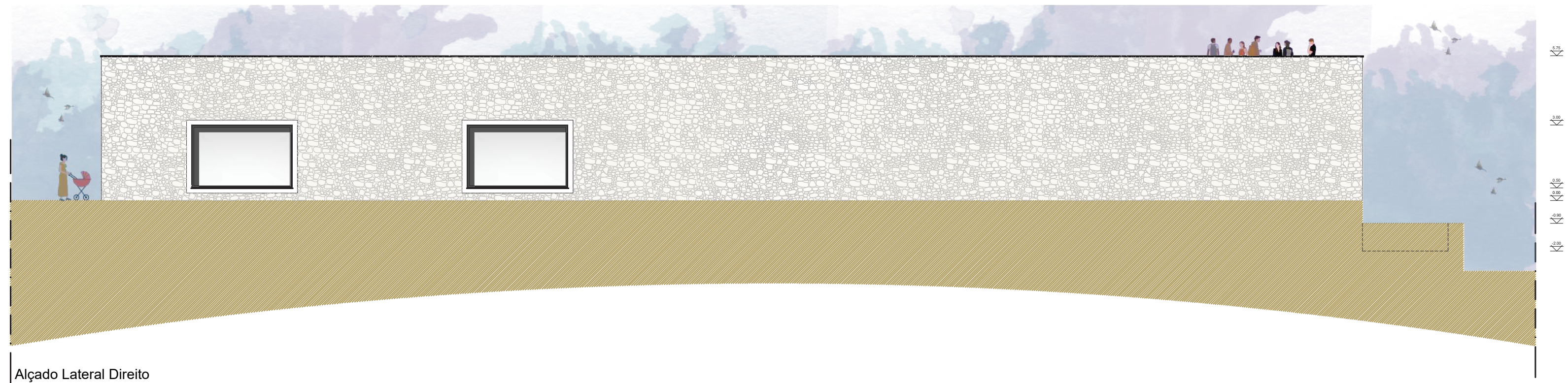


Planta de Cobertura - Armazém



Alçado Principal





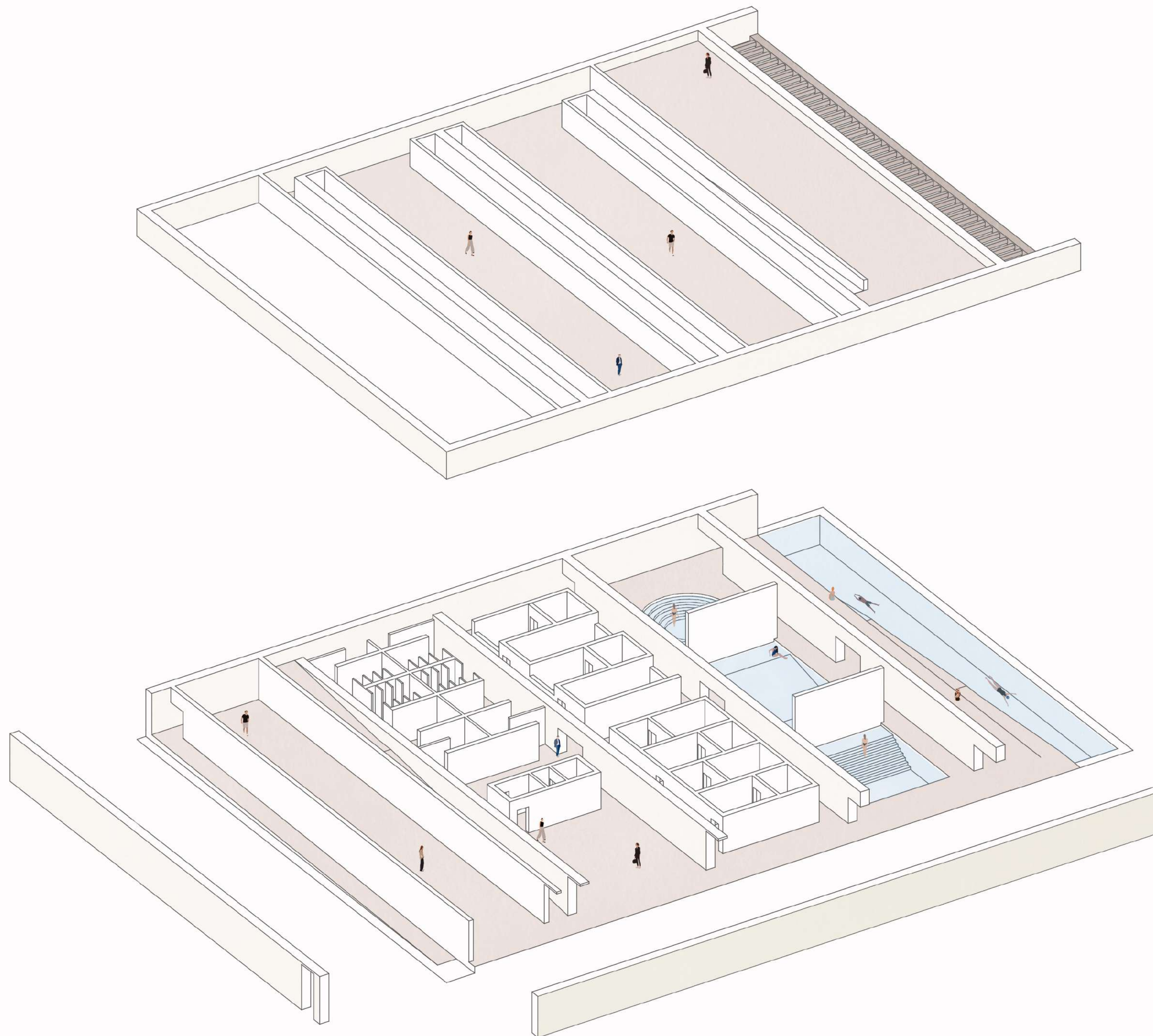


Fig. 39 - Axonometria (Elaborada pela autora)

5.0 - Considerações Finais

Este projeto explorou a reabilitação do antigo armazém das salinas, propondo uma solução para a perturbada relação entre a cidade de Faro e a Ria Formosa, preservando o sistema lagunar e transformando edifícios em abandono. Revitalizando o lugar estruturante das salinas e a sua relação com o território envolvente.

Numa análise do território, com especial atenção para a interação entre a cidade e a Ria Formosa, torna-se evidente que as salinas Neves Pires são um elo de ligação entre estes dois elementos, um ponto de transição entre a zona habitada e o ambiente natural da Ria Formosa.

Com a análise do território, também se constatou que a linha ferroviária, que interceta estes dois mundos, causa uma forte quebra. Para tal, uma das primeiras ações a fazer nesta proposta foi colocar a linha ferroviária para as costas da cidade, substituindo a linha antiga por um moderno sistema de metrô de superfície, havendo assim uma permeabilidade entre a Cidade e a Ria.

Como as salinas estão abandonadas, e os seus edifícios estão num estado de degradação muito elevada, a proposta da reabilitação das salinas, tem também o objetivo de dar outra vida a este espaço que, nos dias de hoje não tem mais a utilidade que em outros tempos tinha, dando-lhe assim outra funcionalidade. O armazém de apoio às salinas transforma-se num espaço de talassoterapia e o espaço envolvente transforma-se num jardim urbano, algo que também é fundamental na cidade de Faro, um espaço verde para as pessoas passearem.

Com esta proposta, a relação entre a cidade de Faro e a Ria Formosa, criou uma nova vida, havendo uma melhor ligação entre as duas, resolvendo assim a problemática levantada com este projeto.

Esta dissertação dá uma ideia do que se pode fazer para valorizar a ligação que ao longo dos tempos se foi perdendo, dando a possibilidade de se continuar a estudar esta forte relação da Ria Formosa com as cidades que dela viveram durante muito tempo, continuando este estudo, focado somente em Faro, analisando as restantes cidades e salinas presentes na Ria Formosa. Reabilitando espaços abandonados, integrando de forma harmoniosa o meio ambiente e a sociedade, promovendo o desenvolvimento sustentável.



Fig. 40 - Interior de uma Nave do Antigo Armazém das Salinas (Visita de Estudo)

Bibliografia

AAVV. Arquitetura Popular em Portugal. 3ª edição. Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses, 1988.

BAEZA, Alberto Campo. A Ideia Construída. 5ª edição. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO. Programa estratégico de reabilitação urbana. Câmara Municipal de Faro, 2018.

CARRIZO, P. G. Curar com água. Espanha: Idea y Creación, 2007.

COUTINHO, Valdemar. As Fortalezas da Costa Algarvia Durante o Período das Economias-mundo Centradas em Amsterdão e em Londres. O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história). Lisboa: Edições Colibri, 1999.

DELEDICQUE, A. Thermalisme, Thalassothérapie, Tourisme. Paris, 1979.

DINIS, C., & SANTOS, J. Sal de Aveiro - Estudo de Mercado e Oportunidades de Negócio. Aveiro: Associação Comercial de Aveiro, 2018.

FABRINI, Vera Maria. "A Talassoterapia: alternativa para o turismo de saúde e lazer no mar." In: III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2005, Caxias do Sul. III Seminário de Turismo do Mercosul, 2005.

FERREIRA, Maria Leite. "Fotos. O que unia ricos e pobres no passado? O medo do banho [em linha]." [S.l.]: Maria Leite Ferreira, 2016. Disponível em: <http://observador.pt/2016/05/09/fotos-unia-ricos-pobres-no-passado-medo-do-banho>.

FERNANDES, João Viegas; FERNANDES, Filomena Viegas. Spa, Centros Talasso e termas: turismo de saúde e bem-estar. Lisboa: Gestão Plus Edições, 2008.

FERNANDES, João Viegas; FERNANDES, Filomena Viegas. Turismo de saúde e bem-estar no mundo – Ética, Excelência, Segurança e Sustentabilidade. São Paulo: Editora Senac, 2011.

France Thalasso. "Les bains de mer au cours des siècles." Obtido de France Thalasso: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/#la-thalassotherapie-dans-lantiquite>.

FRAZÃO, Marta da Felicidade Mateus. O uso das águas no desenho rural contemporâneo. Dissertação de doutoramento, Universidade de Évora, 2022.

ICN/Parque Natural da Ria Formosa. Plano de Ordenamento do Parque Natural da Ria Formosa, Fase 1: Caracterização.

LAUTENSACH, H. A individualidade geográfica de Portugal no conjunto da Península Ibérica. Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1931.

LAMEIRA, Francisco. Faro, a Arte na História da Cidade. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1999.

LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

MALHADOR, Inês Miquelina. Abrigo sobre as Dunas: Um novo modo de habitar temporário no Estuário do Sado. Dissertação de mestrado, Universidade de Évora, 2019.

MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena. O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª edição. Ramada: ACD Print SA, 2009.

MANUPPELLA, G., Ramalho, M. M. / Antunes, M. Telles / Pais, J. Notícia explicativa da Folha 53-A Faro. INETI, Departamento de Geologia, Lisboa, 2007.

MUNICÍPIO DE FARO. Revisão do PDM de Faro, Caracterização e diagnóstico socioterritorial vol. II - ambiente. Faro: CMF, 2017.

OLIVEIRA, E.V. & GALHANO, F. Arquitetura Tradicional Portuguesa. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PAULA, Rui M., PAULA, Frederico. Ossónoba - Santa Maria Ibn Harun - Faro - Evolução Urbana e Património. Edição da Câmara Municipal de Faro, 1993.

PARQUEXPO. Estudo de Enquadramento Estratégico: Frente Ribeirinha de Faro - Relatório Final. Faro, 2009.

RAMOS, Adelina Rita. "O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística." Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento.

RAU, Virgínia. Estudos sobre a História do Sal Português. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

RIBEIRO, Orlando. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Coimbra: Coimbra Editora, 1945.

ROCHA, C. R. "Talassoterapia: Melhoria da Qualidade de Vida." Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 2006, 2.

RODRIGUES, M. A forma urbana em Portugal Continental: Aplicação de índices quantitativos na caracterização morfológica das cidades.

RUSSEL, M. D. Sea water in the diseases of the glands. London: Homer's Head, Temple-Bar, 1193.

SALEMA, Sofia; ADRIÃO, José; MENDES, Rui. *Faro, Caderno 1 e 2. Compilação dos trabalhos desenvolvidos na cadeira de Projeto Avançado II na Universidade de Évora, 2017.

SANTOS, M. A., & BRITO, J. A. Plano de Estrutura Verde de Faro. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1997.

Singh, V. S., Pandey, D. N., & Chaudhry, P. Urban forests and open green spaces: Lessons for Jaipur, Rajasthan, India. Rajasthan: Rajasthan State Pollution Control Board, 2010.

TELLES, S. Portugal. Aspectos Geográficos e Climáticos. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929.

VALENTE, N. T. "Benefícios da Talassoterapia na Costa Portuguesa." Vila Real: Universidade de Trás os-Montes e Alto Douro, 2014.

Índice de Figuras

Fig.01 - Cais Neves Pires (Visita de Estudo)

Fig. 02 - Ortofotomapa de enquadramento da região em estudo, sem escala (Elaborado pela Autora)

Fig. 03 - Mapa divisões geográficas, “Portugal: O mediterrâneo e o Atlântico” (Orlando Ribeiro)

Fig.04 - Esquema explicativo da divisão das sub-regiões do Algarve (Elaborado pela Autora)

Fig. 05 - Delimitação da Ria Formosa (Elaborado pelos alunos, com supervisão dos docentes, no âmbito da cadeira de Projeto Avançado II, 2016/2017)

Fig. 06 - Ria Formosa (Sul Informação)

Fig. 07 - Ria Formosa (Desconhecido)

Fig. 08 - Salinas da Ria Formosa (Desconhecido)

Fig. 09 - Enquadramento de Faro (Elaborado pelos alunos, com supervisão dos docentes, no âmbito da cadeira de Projeto Avançado II, 2016/2017)

Fig. 10 - Faro, Séc. XIV - XV (Fotos de Faro antigo)

Fig. 11 - Faro, ano 1500 (Faro-com-historia.blogspot)

Fig. 12 - Vista aérea de Faro, 1950 (Desconhecido)

Fig. 13 - Vista da Praça de Faro, Séc. XIX (Desconhecido)

Fig. 14 - Evolução Urbana de Faro (Elaborado pela Autora, com base na informação do livro: Faro - Evolução Urbana e Património (Ossónoba, Santa Maria Ibn Harun))

Fig. 15 - Orografia do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol.II)

Fig. 16 - Orografia de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

Fig. 17 - Geologia do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol.II)

Fig. 18 - Geologia de Faro (Elaborado pela autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

Fig. 19 - Hidrografia do Algarve (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível no plano regional de ordenamento do território, Vol.II)

Fig. 20 - Hidrografia de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

Fig. 21 - Divisão dos Concelhos do Algarve (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol.II)

Fig. 22 - Malha Urbana de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

Fig. 23 - Sistema Viário do Algarve (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível no plano de mobilidade e transportes)

Fig. 24 - Sistema Viário de Faro (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

Fig. 25 - Espaços verdes no centro de Faro (Elaborado pela Autora, , com base em informação disponível na revisão do plano diretor municipal (PDM), Vol. VI)

Fig. 26 - Vegetação de Faro (Elaborado pela Autora, com base em informação disponível no plano diretor municipal (PDM) e no site: <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1067/pdm.aspx>)

Fig.27 - Spa salino de Castro Marim (Viagensasolta)

Fig. 28 - Praia de Matosinhos, 1913 (Diário de Notícias)

Fig. 29 - Gravura de Luigi Sabatelli (1772–1850) de Florença durante a peste em 1348, baseada em O Decameron de Giovanni Boccaccio (history).

Fig. 30 - (A) Pintura em tela do retrato do Richard Russel (1687-1759) (Jackson, 1991) e (B) Imagem da capa da dissertação “The use of sea water in the diseases oh the glands”(Russel 1193) (Valente, 2014).

Fig. 31 - Resort Vilalara, Alporcinhos, freguesia de Porches, concelho da Lagoa (portugalvia)

Fig.32 - Vista dos Edifícios da Proposta de Reabilitação das Salinas (Elaborada pela Autora)

Fig. 33 - Corte Urbanístico (Elaborada pela a autora)

Fig. 34 - Proposta da Alteração da linha ferroviária em Faro (Elaborada pela a autora)

Fig. 35 - Vista da zona de jardim (Elaborada pela a autora)

Fig. 36 - Proposta para a Reabilitação das Salinas Neves Pires (Elaborada pela a autora)

Fig. 37 - Interior Antigo Armazém das Salinas - Receção (Elaborada pela a autora)

Fig. 38 - Esquema da elaboração espacial do edifício (Elaborado pelos alunos, com supervisão dos docentes, no âmbito da cadeira de Projeto Avançado II, 2016/2017)

Fig. 39 - Axonometria (Elaborada pela a autora)

Fig. 40 - Interior de uma Nave do Antigo Armazém das Salinas (Visita de Estudo)

Anexos

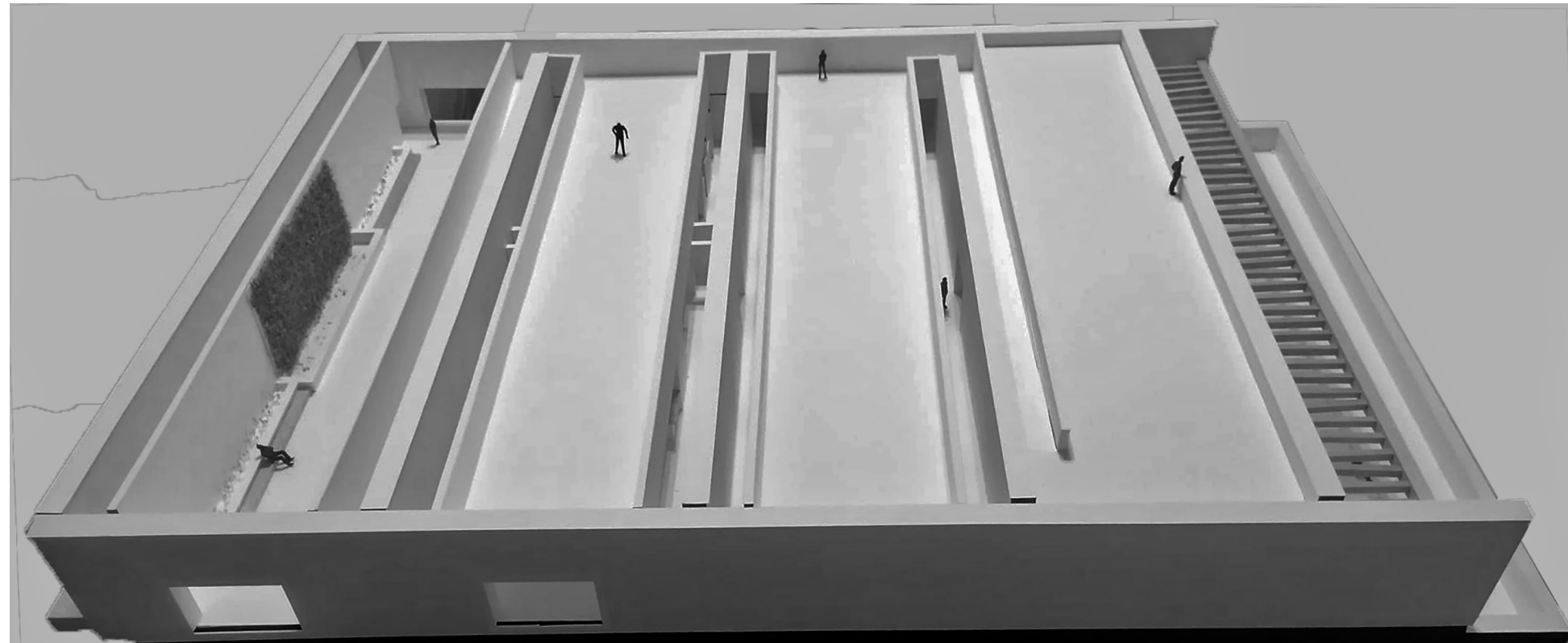
- Fotografias das Salinas
- Fotografias Maquetes
- Renderizações da Proposta

Fotografias Salinas

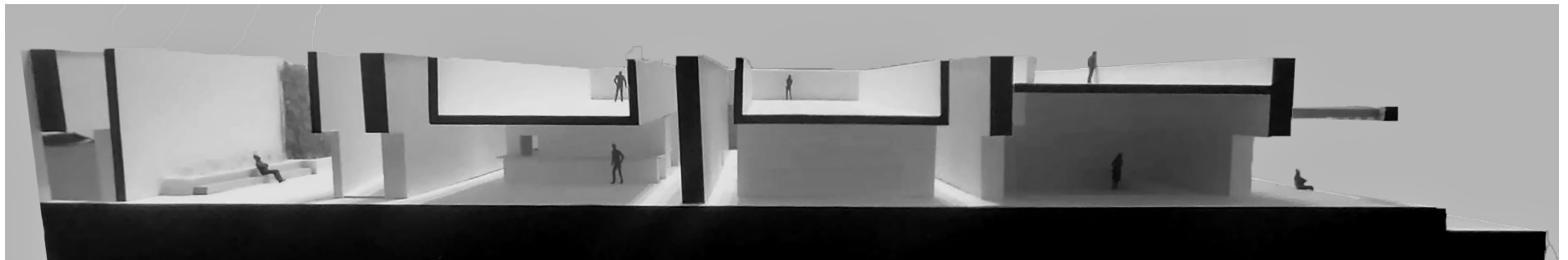
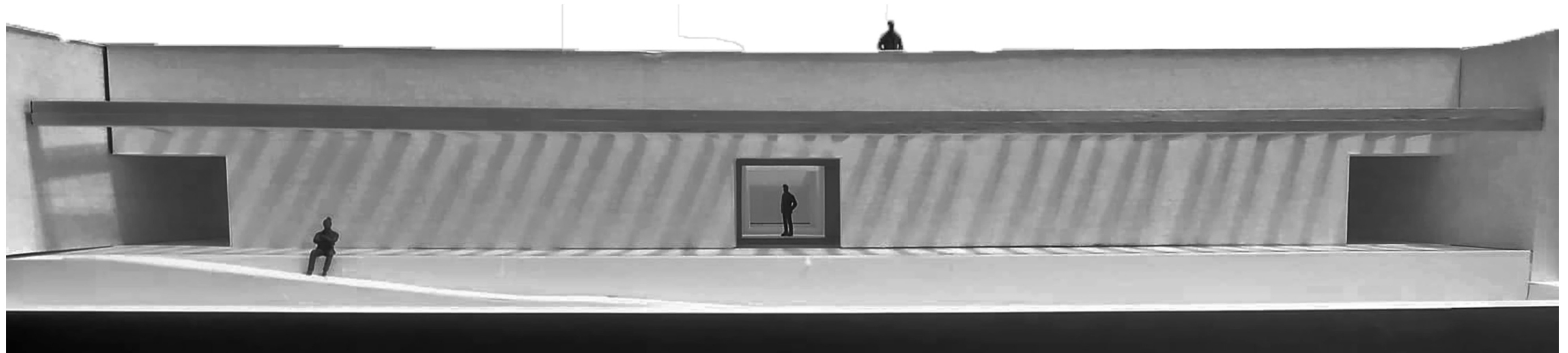




Fotografias Maquetes



Fotografias Maquetes



Renderizações Proposta



